

FACULDADES EST  
PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

**FLÁVIA REGINA SOUSA MARTINS**

Gênero, Feminismos e Religiosidade:  
Um estudo sobre a devoção a Auta Rosa de Amarante a partir da Teologia  
Feminista e Teologia Feminista Negra

SÃO LEOPOLDO

2017



**FLÁVIA REGINA SOUSA MARTINS**

Gênero, Feminismos e Religiosidade:

Um estudo sobre a devoção a Auta Rosa de Amarante a partir da Teologia  
Feminista e Teologia Feminista Negra

Trabalho Final de Mestrado Profissional  
para obtenção do grau de mestre em  
Teologia pela Faculdades EST -  
Programa de Pós Graduação. Linha de  
Pesquisa: Gênero, Feminismos e  
Diversidade.

Orientador: Prof. Dr. André Sidnei Musskopf

SÃO LEOPOLDO

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M386g Martins, Flávia Regina Sousa  
Gênero, feminismos e religiosidade: um estudo sobre a  
devoção a auta rosa de amarante a partir da teologia  
feminista e teologia feminista negra. / Flávia Regina Sousa  
Martins ; orientador Prof. Dr. André Sidnei Musskopf. – São  
Leopoldo : EST/PPG, 2017.  
84 p. : il. ; 31 cm

Dissertação (Mestrado) – Faculdades EST. Programa  
de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo,  
2017.

1. Feminismo. 2. Direitos das mulheres. 3. Teologia  
feminista. 4. Religiosidade popular. 5. Rosa, Auta, de  
Amarante. I. Musskopf, André S. (André Sidnei), 1976 - . II.  
Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

FLÁVIA REGINA SOUSA MARTINS

Gênero, Feminismos e Religiosidade:

Um estudo sobre a devoção a Auta Rosa de Amarante a partir da Teologia  
Feminista e Teologia Feminista Negra

Trabalho Final de Mestrado Profissional  
para obtenção do grau de mestre em  
Teologia pela Faculdades EST -  
Programa de Pós Graduação. Linha de  
Pesquisa: Gênero, Feminismos e  
Diversidade

Data: \_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_

Dr. André S. Musskopf - Orientador EST

---

Dra. Lilian Conceição da Silva Pessoa de Lira

---



## AGRADECIMENTOS

Inicialmente agradeço a Deus criador de todas as coisas e de todas as pessoas que amo. A uma Deusa mãe que tive oportunidade de ouvir e gostar da possibilidade da sua existência junto ao Deus pai que sempre acreditei ser muito solitário. Sendo essa ideia verdadeira, provavelmente justifica a perfeição com que obra de criação do universo se nos apresenta, não sendo, pois, resultado do pensamento de um velho senhor de barba branca e cabelos longos que como em um passe de mágica criou tudo que existe.

Agradeço a minha mãe Maria Helena Sousa, que foi a principal motivação para que esse estudo se iniciasse, acreditando e me fazendo acreditar que era possível sair do interior do Piauí para o Rio Grande do Sul em busca de mais um sonho. Que também serviu de inspiração para que eu encontrasse em Auta Rosa de Amarante e em sua memória os passos para a redescoberta de fé e de identidade que aconteceram no decorrer do processo. A ela e ao meu pai Raimundo Nonato de Sousa todo meu afeto e agradecimento.

A outras mulheres importantes que fazem parte da minha vida; minhas irmãs Célia, Rosa e Patrícia; minhas sobrinhas/os Isabel, Laura, Carol, Vitória, Junior e Vinicius pelo apoio incondicional quando nas férias de janeiro e julho dos últimos dois anos tomaram de conta e fizeram companhia à minha preciosidade maior, minha filha Bárbara Leticia, para que eu tivesse a tranquilidade necessária de realizar meus estudos intensivos no frio congelante de São Leopoldo, estudos esses que têm encantado também a ela, Barbara Leticia, que aos poucos vem se descobrindo no seu entendimento uma adolescente feminista.

Ao meu esposo, Airton Ferreira Martins, pelo companheirismo ao seguir comigo nas viagens a Amarante em busca de Auta Rosa e pela paciência e tranquilidade ao registrar as fotos que ilustram o presente trabalho. Igualmente pelo cuidado e zelo com minha filha, meu pai e minha mãe quando eu não me encontrava. Ele que também foi alvo da minha ausência devido as viagens ao Sul e vítima do estresse decorrente da pesquisa.

Imensa gratidão a todas as pessoas mulheres e homens de Amarante com quem conversei e que gentilmente me acolheram e contribuíram com esta pesquisa através de seus relatos, suas memórias, da permissão para adentrar em suas residências, visitar seus familiares, rebuscar em seus arquivos as informações tão preciosas que compõem a maior parte e que dá sentido deste trabalho. Em especial à professora Audenira e sua família que nos acolheram em sua residência quando nas viagens em busca de informações; à senhora Socorro Santos e o senhor Gregório Barbosa Ribeiro conhecido como Gregório escritor que alegremente animou

o término de nossa visita com belos acordes da sua sanfona de oito baixos e seu relato de devoção a Auta Rosa.

A outras mulheres com as quais tive contato, com as quais aprendi muito e que contribuíram significativamente para que esse trabalho acontecesse, Patrícia Santos que me apresentou Auta Rosa. A Joana Darc Xavier pelas tardes frias de leitura e pelo compartilhamento de nossas saudades quando tudo que queríamos era estar em casa, e a minha querida Elizabeth pela amizade cultivada no ultimo modulo do curso me acolhendo em sua casa e partilhando vivencias. A professora Dra. Nivia Ivette Nuñez de la Paz, que me ensinou sobre políticas públicas e golpe político fazendo analogia com uma escova de dente e a Dra. Lilian Conceição Pessoa da Silva de Lira, que além dos seus conhecimentos científicos me proporcionou a experiência de caminhar por caminhos ainda desconhecidos em busca da ancestralidade que nos é comum e pelo presente inesquecível de estar na presença e ouvir Dra. Denise Botelho no Encontro da Rede de Mulheres Negras de Pernambuco e de almoçar compartilhando saberes diversos ao seu lado e ao lado da Dra. Ivone Gebara, todas referências bibliográficas deste trabalho.

Ao meu orientador André Sidnei Musskopf, pelo saber que lhe é peculiar e que compartilha com todas as pessoas com as quais mantém contato, de forma simples e única. Que me fez acreditar que era possível seguir quando em alguns momentos desistir parecia ser uma boa saída. Entender que precisamos nos manter vigilantes a respeito de nossas conquistas e de nossos espaços de poder, reconhecendo quem somos e o que somos capazes de realizar. Pela paciência aparentemente incansável de fazer as correções e alterações necessárias e de lidar com as crises das idas e voltas da dissertação. Sua competência e a cor de seus olhos me fizeram acreditar que a minha cor de pele não é a única coisa que me define. Obrigada André.

Aos meus “chefes” Daniel Porto Campelo, Thiago Coelho Silveira pelo incentivo e apoio financeiro, ofertados a partir do Instituto Superior de Educação São Judas Tadeu, bem como, a Dra. Elza Bucar, Diretora Geral da Faculdade de Ensino Superior de Floriano e à Prefeitura Municipal de Floriano pela liberação do trabalho para que eu pudesse iniciar e concluir esse curso.

Ainda a minhas amigas Evelyne Ellene Alves de Carvalho, Gloria Marreiros e Mary Lourdes Quaresma por me “aquecerem” durante o longo e pesado frio de São Leopoldo.

Enfim a todas as pessoas que fizeram parte desse sonho que ora “se encerra” muito obrigada.



## RESUMO

As discussões sobre o feminismo têm sido objeto de discussões não muito recentes na história dos movimentos de luta pelos direitos das mulheres, uma vez que datam de meados do século XIX. Ao mesmo tempo estudos e pesquisas referentes ao tema são mais atuais, pois têm início a partir do surgimento do movimento feminista com o processo de sistematização da teologia feminista. Ainda mais recentes são os estudos realizados partindo da perspectiva da teologia feminista negra como forma de complementação e unificação de ambas as teologias no atendimento às demandas e necessidades de categorias específicas, mulheres e mulheres negras. Nesse sentido entende-se que a importância da realização de pesquisas envolvendo a temática justifica-se devido a necessidade de maior conhecimento e compartilhamento de saberes entre as diversas áreas e ao mesmo tempo de fazer chegar às pessoas os resultados destes estudos feitos, trazendo a teologia para espaços de construção de saber e reconstrução de ideias e modos de ver as questões que envolvem as mulheres. A presente pesquisa tem como objetivo visibilizar a história de vida de Auta Rosa, personagem da religiosidade popular da cidade de Amarante, interior do estado do Piauí, e as suas experiências de vida, morte e devoção, favorecendo assim um exercício de aproximação entre o campo de saber teológico e as manifestações de religiosidade popular que se fizeram no seu entorno ao ser após sua morte considerada personagem da religiosidade popular, para assim entender de que modo sua história se articula com a teologia feminista e com a teologia feminista negra. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, fenomenológica e ao mesmo tempo qualitativa pois busca a compreensão da devoção religiosa em torno da personagem principal a partir dos relatos etnográficos e da tradição oral. A análise dos dados se deu a partir da metodologia feminista que busca dentre outras coisas a ressignificação de histórias de vida como forma de entender e desconstruir padrões estereotipados dando assim maior visibilidade a personagens esquecidas pela história de um povo, de uma cultura ou de uma etnia.

**PALAVRAS-CHAVES:** Feminismo. Direitos das mulheres. Teologia feminista. Teologia feminista negra. Religiosidade popular. Rosa, Auta, de Amarante.



## ABSTRACT

The discussions about feminism have been object of not too recent discussions in the history of the movements struggling for women's rights, since they date back to the middle of the 19th century. At the same time studies and research referring to the theme are more current since they begin with the emergence of the feminist movement with the process of systematizing feminist theology. Even more recent are the studies carried out based on the perspective of the black feminist theology as a way of complementing and unifying both theologies attending to the demands and needs of specific categories, women and black women. In this sense we understand that the importance of carrying out research involving the theme is justified due to the need of greater knowledge and sharing of knowledges among the various areas as well as the need to make the results of these studies reach the people bringing theology to the spaces of construction of knowledge and reconstruction of ideas and ways of seeing the issues which involve women. The goal of this research is to give visibility to the life story of Auta Rosa, a person of the popular religiosity of the city of Amarante, in the interior of the state of Piauí, and her life experiences, death and devotion, thus favoring the exercise of approximation between the field of theological knowledge and the manifestations of popular religiosity which occurred around her when, after her death, she was considered a person of the popular religiosity, in order to understand in what way her story is articulated with feminist theology and with black feminist theology. It is a bibliographic, phenomenological and at the same time qualitative research since it seeks the comprehension of the religious devotion toward the main character based on ethnographic reports and on oral tradition. The data analysis took place based on feminist methodology which seeks, among other things, the resignification of life stories as a way to understand and deconstruct stereotyped patterns thus giving greater visibility to forgotten persons throughout the history of a people, a culture or an ethnicity.

**Keywords:** Feminism. Rights of women. Feminist Theology. Feminist Theology Black. Popular Religiosity. Rosa, Auta de Amarante.



## Sumário

|   |    |
|---|----|
| INTRODUÇÃO.....   | 15 |
| 1 TEOLOGIA, EXPERIÊNCIA DE VIDA, E A BUSCA PELA HISTÓRIA DE AUTA ROSA DE AMARANTE/PI..... | 19 |
| 1.1 UM POUCO DA HISTÓRIA DE AMARANTE.....   | 19 |
| 1.2. A HISTÓRIA DE AUTA ROSA A PARTIR DAS FONTES DISPONÍVEIS: O QUE OS LIVROS CONTAM..... | 22 |
| 1.3 AUTA ROSA: MORTE, EXCLUSÃO SOCIAL, DEVOÇÃO E RELIGIOSIDADE POPULAR .....              | 28 |
| 2 EXCURSIONANDO PELO UNIVERSO DE AUTA ROSA.....   | 37 |
| 2.1- A IDENTIFICAÇÃO DE RELAÇÕES POSSÍVEIS: EU, MINHA MÃE E AUTA ROSA DE AMARANTE.....    | 37 |
| 2.2- RELATOS ETNOGRÁFICOS: A EXPERIÊNCIA DE OUVIR SOBRE AUTA ROSA .....                   | 41 |
| 2.3- EXPERIENCIANDO OUTROS RELATOS: OUVINDO E SENTINDO SOBRE AUTA ROSA .....              | 45 |
| 3 TEOLOGIA, RELIGIOSIDADE E FEMINISMO.....  | 53 |
| 3.1- O QUE DIZ A TEOLOGIA FEMINISTA.....  | 53 |
| 3.2- O QUE DIZ A TEOLOGIA FEMINISTA NEGRA.....  | 61 |
| 3.3 O REENCONTRO ENTRE MIM, AUTA ROSA E MINHA MÃE.....                                    | 70 |
| CONCLUSÃO.....  | 75 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....  | 79 |
| ANEXOS.....   | 83 |



## INTRODUÇÃO

Estudar sobre o feminismo nunca fez parte de um projeto de vida pessoal ou profissional. Nunca esteve incluído entre as leituras preferidas, fossem elas para formação ou mesmo como opção de ampliação cultural. E as razões para isso sempre foram bastante simples pois sempre ouvi as pessoas dizerem que: *“feminismo é coisa de mulher radical, que quer ser igual a homem”*; *“feministas são um grupo de mulheres lésbicas que radicalizaram, se revoltaram e foram às ruas queimar sutiãs na década de 1960 e protestar contra suas insatisfações”*; *“feministas são mulheres mal-amadas e por isso muito mal humoradas”*. Foi isso que ouvi durante grande parte, diria até, a maior parte de minha vida de criança, menina, mulher e mãe.

Como então despertar interesse por algo tão impessoal e tão negativamente conceituado. Hoje, no entanto é possível perceber que a realidade na qual fui educada mostrava o oposto disso e perceber isso era parte de um processo ainda não vivido. Hoje compreendo que minha mãe foi a primeira mulher com ideias feministas que conheci e talvez ainda esteja em processo de vir a ter consciência disso. A sua vivência e seu trabalho na condição de empregada doméstica em casa de pessoas intelectuais, resultado do abandono do seu pai e da impossibilidade da sua mãe de ser fonte de sustentação para filhos e filhas; o casamento aos 17 anos de idade como forma de libertação do que seria a casa dos outros; a autonomia financeira favorecida pelo serviço público e pelo ofício de costureira que aprendeu ainda criança, enfim, tudo isso fez com que sonhasse e lutasse por um futuro diferente daquele que ela teve para as quatro filhas que veio a ter posteriormente. Tudo isso traz implícita e explicitamente uma luta que ainda hoje é travada pelas mulheres na sociedade: a luta por direitos iguais, por autonomia, independência e também por melhores condições de vida e de trabalho. Descobrir-se feminista é parte de um processo de vida e de identidade de gênero que precisa fazer parte da história de vida de todas as mulheres independente de etnia, de sua raça, de sua religiosidade ou de qualquer outra categoria da qual faça parte.

Essa breve narrativa tem como objetivo refletir sobre a importância de conhecer para além daquilo que normalmente serve de base para a construção dos estereótipos difundidos e fortalecidos pela ignorância das pessoas. Ignorância por não saber ou mesmo pela negação das possibilidades de buscar e de conhecer. Isso implica olhar o cotidiano a partir e além das experiências de vida. Perceber a necessidade de atentarmos para o entendimento que é preciso ter quando se diz coisas como: *“as mulheres são assim”* ou de outro modo que *“ser mulher significa comportar-se desta ou daquela forma”*. Mais importante do que defini-la, muitas

vezes de forma distorcida, seria ousar entender e perguntar: *sobre quais mulheres estamos falando? Quais são as suas experiências de vida sobre as quais realmente importa perguntar? Como se sentem, o que pensam, o que desejam e de que modo são representadas pelos grupos ou categorias das quais fazem parte?* Provavelmente se estas perguntas tivessem sido feitas em algum momento na minha vida, o entendimento sobre o movimento feminista e sobre o ser mulher feminista me rendessem parte da identidade que atualmente se faz possível descobrir. Foi a partir do Mestrado Profissional na Linha de Gênero, Feminismos e Diversidade que tive a oportunidade de perceber a concepção equivocada, preconceituosa e distorcida acerca do feminismo. Também a partir desta oportunidade que tento, aos poucos, convencer a minha mãe de que tudo que ela nos possibilitou foi fruto e consequência do seu “modo de pensar” feminista.

Estudar sobre o feminismo em uma perspectiva mais ampla é algo relevante do ponto de vista acadêmico pessoal e profissional. Esse estudo nos coloca na condição de partir de um princípio epistemológico básico que diz que ser feminista é saber e lutar para que os direitos das mulheres de serem pessoas singulares sejam respeitados e assegurados, pelo simples fato de sermos pessoas com direitos iguais. Saber e lutar por isso implica assumirmos uma identidade que não nos deixa ser engolidas e trucidadas por um processo de negação social e pelo achatamento de nossas potencialidades e de nosso ser nas suas mais diversas possibilidades. Implica saber que temos uma identidade que nos define: mulheres empoderadas, mulheres negras, mulheres homossexuais ou mulheres heterossexuais, mulheres transexuais, mulheres cristãs, mulheres de umbanda, de batuque ou de candomblé, que apesar das diversidades temos uma história de vida para contar. Histórias de vida que precisam ter visibilidade, ser compartilhadas, entendidas, valorizadas e ressignificadas dentro de uma coletividade do ser feminino.

Nesse sentido este trabalho pretende, seguindo uma linha de busca e encontro de relações entre histórias, dar visibilidade à história de vida de Auta Rosa de Amarante e as suas experiências de vida, morte e devoção, favorecendo assim um exercício de aproximação entre o campo de saber teológico e as manifestações de religiosidade popular que se fizeram no seu entorno ao ser, após sua morte, considerada personagem da religiosidade popular e, assim, entender de que modo sua história se articula com a teologia feminista e com a teologia feminista negra.

Essa compreensão leva a buscar respostas às questões inicialmente levantadas. Em que medida a história de vida de Auta Rosa se articula com a teologia feminista na busca por sinais de resistência à violência e a promoção da igualdade e justiça? De que modo os elementos da



teologia feminista negra se inter-relacionam e ressignificam a história de devoção criada no seu entorno?

Ao apresentar a forma como este trabalho está organizado, apresenta-se ao mesmo tempo outros objetivos que se buscou alcançar bem como a metodologia utilizada para tal. O primeiro capítulo, que corresponde ao primeiro objetivo específico da pesquisa realizada, apresenta Auta Rosa como figura de devoção, buscando compreender como tornou-se parte das manifestações de religiosidade popular. Nesse sentido foi realizada uma busca por sua história a partir das fontes disponíveis. Essas fontes, no entanto, são significativamente limitadas, o que de certo modo configurou o primeiro desafio para torná-la visível no contexto atual, trazendo-a assim para ocupar outros espaços, a exemplo do espaço acadêmico, na memória coletiva dentro da própria comunidade amarantina onde a mesma é vista como objeto de devoção e religiosidade popular. Reescrever sua história de vida e morte é uma forma de retirá-la desta invisibilidade. A construção desse capítulo tem como referências os autores Homero Castelo Branco e Francisco Soares Costa e a autora Nazi Castro, únicas referências bibliográficas encontradas sobre a história de vida de Auta Rosa. De modo complementar, foi utilizado um documentário produzido pela cultura local, intitulado “Auta Rosa, a Santa Amarantina”.

No segundo capítulo foi realizada uma análise da memória popular acerca da vida e morte de Auta Rosa, dos relatos de experiência fenomenológica pessoal e narrativas. Para este fim serviu de base a perspectiva dos relatos etnográficos a partir dos quais apresenta-se os resultados da busca de informações através dos dados, histórias e vivências que foram colhidos com a comunidade local na cidade de Amarante, relatando a história de Auta Rosa bem como a descrição do que foi por mim visto, escutado da comunidade e experienciado durante todo o processo de busca pelas informações disponíveis.

Respondendo ao terceiro objetivo específico da pesquisa, buscou-se, à luz da teologia feminista e da teologia negra, dos seus conceitos, pressupostos e metodologias, elementos que reflitam e justifiquem a construção das narrativas sobre Auta Rosa e a devoção criada em torno dela. Para isso foi realizado um levantamento bibliográfico dessas teologias com atenção para o entendimento de como elas podem ajudar a refletir sobre Auta Rosa, sua vida, os relatos e a devoção posterior. Também nesse sentido encontrou-se ressonância nas vivências compartilhadas pelas mulheres da Rede de Mulheres Negras do Pernambuco que contribuíram significativamente para a compreensão da importância da formação identitária enquanto mulher negra. André Musskopf, Celi Regina Jardim Pinto, Denise Botelho, Felipe Dunay Lilian Lira, Maristela Moreira Carvalho, Maricel Mena Lopez, Margareth Rago, Tela Gurgel, Silvia Regina Lima Silva, Rosemary Ruether, Wanda Deifelt e Tiago de Freitas Lopes iluminaram o caminho

para o entendimento destas relações abrindo outros caminhos para reconstruções no campo da discussão a respeito das teologias feminista e feminista negra.

O percurso metodológico partiu ainda da análise da memória popular e documental acerca da vida, morte e devoção de Auta Rosa. A pesquisa bibliográfica foi também utilizada para refletir sobre as conceituações trabalhadas pela teologia feminista e feminista negra a fim de entender de que modo se articula com a história de vida das mulheres e das mulheres negras mais precisamente. Assim foram pensados e escritos o segundo e o terceiro capítulos que, somados ao primeiro, completam a análise que é objeto do presente trabalho.

# 1 TEOLOGIA, EXPERIÊNCIA DE VIDA, E A BUSCA PELA HISTÓRIA DE AUTA ROSA DE AMARANTE/PI

Apresenta-se, a partir deste ponto, um pouco da história de Amarante, cidade onde viveu Auta Rosa, buscando dar visibilidade à sua trajetória de vida, morte e devoção, entendendo como a mesma tornou-se parte da religiosidade popular de um povo, conforme as fontes bibliográficas disponíveis na cultura local do município de Amarante/PI. Nesse sentido e conforme citado na introdução deste trabalho, utiliza-se dois autores e uma autora, naturais da cidade de Amarante. As fontes em questão foram produzidas por Homero Castelo Branco, com duas obras, “Auta Rosa”<sup>1</sup> e “Ecos de Amarante”<sup>2</sup>, Francisco Soares da Costa com a obra “A Finada Alta”<sup>3</sup> e Nazi Castro com a obra <sup>4</sup>“Amarante: um pouco da vida e da história da cidade. Além destas referências foi utilizado o documentário intitulado “Auta Rosa a Santa Amarantina”<sup>5</sup>, produzido por um grupo de estudantes quando executaram um projeto de resgate da cultura local da cidade.

Para reconstruir a história, também utilizou-se dados colhidos em visita ao Arquivo Público do Piauí no decorrer da realização da pesquisa e informações obtidas na Biblioteca Municipal de Amarante, que preserva a memória da cidade em registros fotográficos e impressos. Sites locais que publicam fatos ocorridos na região, a exemplo de assuntos de cunho político, social, históricos e culturais, também foram utilizados como fonte de informação.

## 1.1 UM POUCO DA HISTÓRIA DE AMARANTE

Os registros mostram que a cidade de Amarante teve sua origem em um aldeamento indígena comandado por Gonçalo Lourenço Botelho de Castro, o primeiro governador do Piauí, enquanto ainda era província em 1771. Segundo Castro o distrito foi criado pela Provisão Régia de 07.09.1805 e instalada a 10 de novembro de 1833 com o nome de São Gonçalo. Formou-se, assim, um pequeno povoado que posteriormente passaram a chamar de Porto, por ser o local

---

<sup>1</sup> BRANCO, Homero Castelo. *Auta Rosa*. Teresina PI, Gráfica e Editora do Povo Ltda. 1999.

<sup>2</sup> BRANCO, Homero Castelo. *Ecos de Amarante*. Rio de Janeiro/RJ. Litteris Editora Ltda. 2001.

<sup>3</sup> COSTA, Francisco Soares da. *A Finada Alta.. Amarante*. Gráfica Israel. 2000.

CASTRO, Nazi. *Amarante: um pouco da história e da vida da cidade*. Teresina PI. 3ª Edição. Projeto Petrônio Portela. , 1986.

<sup>5</sup> Documentário Auta Rosa, produzido pela Associação dos Amigos de Amarante. Ponto de Cultura “escola de Música para a vida”. Casa de Cultura Museu Odilon Nunes. Cine Mais Cultura, dirigido por Bertoldo Neto. Amarante. 2011.

em que as barcas, botes e canoas aportavam trazendo mercadorias de outras regiões para a vila e recebendo gêneros que a vila exportava para serem comercializados em outras praças. Em 16 de julho de 1861 a vila passou a se chamar São Gonçalo de Amarante através da Resolução número 506 de 10 de agosto de 1860.<sup>6</sup>

Castro apresenta na história da cidade, a existência de grupos folclóricos como o Cavalo Piancó, as quadrilhas e o pagode e, ainda, os Reis de Careta e as Rodas de São Gonçalo e de São Benedito. A devoção popular a Auta Rosa e a Cruz dos Aviadores são citados na mesma referência como expressões da religiosidade popular de Amarante, que tem como principal religião a Católica Apostólica Romana, difundida e praticada nas principais igrejas Matriz de São Gonçalo e Capelas Nossa Senhora de Lourdes e São Paulo.<sup>7</sup>

Fazem parte da história de Amarante outros dois personagens que muito contribuíram para o desenvolvimento educacional e cultural do município. O poeta Antônio Francisco da Costa e Silva e Emília da Paixão Costa, popularmente conhecida como Bizinha. Da Costa e Silva era cidadão amarantino nascido em 1885 e que, segundo Rodrigues, começou a compor versos desde 1896 para serem utilizados em procissões e modificados para serem cantados nas festas religiosas do Piauí. Bizinha, citada como escritora, poeta e historiadora, era possuidora de grande acervo cultural e histórico da cidade de Amarante. Contribuiu significativamente para o crescimento e desenvolvimento social e cultural do município onde criou vários grupos musicais, símbolos municipais como a Ordem do Mérito da Saudade o Jardim Velho Monge, o Largo da Saudade, além de várias ruas, avenidas e postos de saúde na cidade. Faleceu na cidade de Teresina/PI, no ano de 2015, mas foi sepultada no Cemitério de São Gonçalo na cidade de Amarante.<sup>8</sup>

Outro aspecto importante no contexto do presente trabalho se refere aos popularmente chamados de ambientes de prostituição. De acordo com Lages a cidade de Amarante viveu por várias décadas num movimentado clima de prostíbulo, conhecidos popularmente como Cabaré e Tabocal. As atividades nos ambientes para a prática sexual ocorriam especialmente à noite com maior movimentação nos finais de semana. As prostitutas, populares raparigas, eram de várias localidades e os frequentadores de todas as classes sociais. Existiram agitados setores de cabarés na cidade: “Cai N’agua”, à margem do rio Parnaíba; os cabarés das populares Marizô, Carmozina, Chica Preá e Irene Casadinho; o Cabaré Casa Amarela. Tinha ainda o ponto: “As

---

<sup>6</sup> CASTRO, 2001, p. 07.

<sup>7</sup> CASTRO, 2001, p. 18.

<sup>8</sup> LAJES, *Cidadã Amarantina deixa marcas na história*. Disponível em: <<http://www.portalodia.com/municipios/amarante/cidada-amarantina-deixa-marcante-historia-228145.html>>. Acesso em: 12 mar. 2017.

Meninas dos Olhos”, “Inferno Verde”, além dos três prostíbulos “Paraíso do Amor”, “Casa de encontros” e o “Chiquinha Sousa”. O autor esclarece que as prostitutas eram muito discriminadas: não podiam estudar em colégios, frequentar igrejas e nem participar de muitos atos da sociedade.<sup>9</sup>

É possível vislumbrar, a partir da forma de organização estrutural de Amarante enquanto porto de barcas durante muitos anos, que o fluxo de pessoas de diversas regiões do estado do Piauí e até mesmo de outros estados brasileiros, poderia trazer uma diversidade muito significativa de pessoas, com costumes, cultura e comportamentos os mais diversos possíveis. Observa-se que elementos citados por Lages, a exemplo dos prostíbulos enquanto espaços de diversão, podem ter contribuído com a dinâmica do lugar no sentido de favorecer ou até mesmo de tornar-se uma possibilidade de renda para muitas mulheres da época, considerando que uma grande maioria delas não possuíam autonomia financeira. O projeto de vida daquelas oriundas das classes sociais mais abastadas era o casamento, o cuidado com a casa, com o esposo e com os filhos e filhas. Para outras, menos favorecidas, a prostituição acabou tornando-se a primeira opção de sobrevivência. Conforme alguns relatos citados no presente trabalho, Auta Rosa também teria se prostituído, nestes ambientes, ao se encontrar em condições socioeconômicas desfavoráveis, para não dizer, situação de extrema miséria.

De certo modo o machismo presente no modelo de família patriarcal, a ausência de condições para a autonomia pessoal, a discriminação, a exclusão e o preconceito racial que permeava a cidade, do qual Auta Rosa foi vítima, separando pessoas ricas e pobres, escravizadas e libertas, negras e brancas, homens e mulheres nessa concepção dualista de ver e de organizar as coisas e de perceber a realidade podem ter contribuído e influenciado a forma de organização da vida de muitas pessoas que viveram naquela época. A condição de mulher negra escravizada, liberta e até mesmo prostituída poderiam render à pessoa, como aconteceu com Auta Rosa, uma herança nada agradável aos olhos da sociedade amarantina que diferenciava e categorizava as pessoas até mesmo na hora de seu sepultamento. As pessoas ricas eram enterradas em um cemitério construído para essa classe e as pobres eram enterradas em outra parte da cidade a elas destinadas, o cemitério dos pobres.

Foi nesse contexto que Auta Rosa de Amarante cresceu, tornou-se objeto de preconceito e discriminação social e racial e que após a finitude de sua história de vida, sofrimento e morte passou a fazer parte da religiosidade popular local.

---

<sup>9</sup> LAJES, Sávio. *Amarante, 144 anos de emancipação política*. Disponível em: <[www.portalodia.com/municipios/amarante/-243207.html](http://www.portalodia.com/municipios/amarante/-243207.html)>. Acesso em: 12 mar. 2017.

## 1.2. A HISTÓRIA DE AUTA ROSA A PARTIR DAS FONTES DISPONÍVEIS: O QUE OS LIVROS CONTAM

Adentrando mais especificamente no universo do objeto de estudo desse trabalho, o autor Homero Castelo Branco, apresenta como parte da cultura local e da manifestação de religiosidade popular a história de uma mulher chamada Auta Rosa. Segundo ele, tratava-se de uma jovem negra, descendente de escravos e escravas. Ela viveu entre os anos de 1861 e 1890, na cidade de Amarante, interior do Estado do Piauí, na casa de seu padrinho Jeronimo Antônio da Cunha e Silva, capitão da guarda nacional e sua também madrinha Amélia Avelino da Cunha e Silva. Ali chegou conduzida por sua tia que se chamava Maria Casca Preta, por volta dos sete ou oito anos de idade.<sup>10</sup>

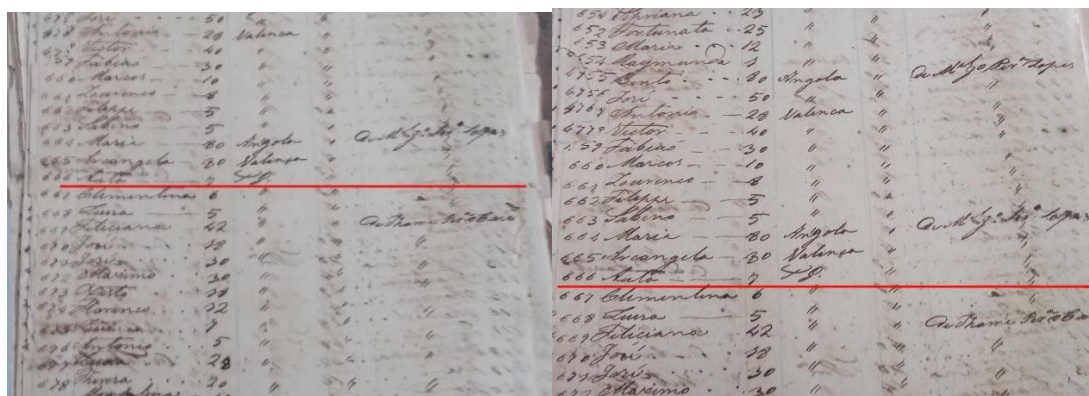


Foto da lista de pessoas escravizadas chegadas em amarante em um período específico de sua história na qual consta o nome de Auta.

Costa defende a ideia que ninguém sabe ao certo a história de vida de Auta Rosa. Não sabem sequer o nome daquela que ele caracteriza como sendo um mito resultante da falsa fé das pessoas que lhe rendem devoção. Em seu livro, o autor escreve Alta (com L e não U) por acreditar que Auta (escrito com “u”) seja apenas uma troca realizada pelo autor Homero Castelo Branco como um designativo de fé. Segundo ele, nem mesmo as descendentes da madrinha de Auta Rosa conhecem nem afirmam essa grafia e a escrita correta seria “Alta” (com “l”), em alusão a sua altura. Este dado, segundo Costa, teria sido revelado por uma senhora chamada Adrícula, filha de Amélia e Jeronimo, que foi amamentada por “Alta” Rosa tão logo esta chegou

<sup>10</sup> Em pesquisa realizada no Arquivo Público do Piauí, em abril/2016, foi encontrada uma relação contendo nome e origem de mais de seiscentos negros e negras que chegaram a Amarante no período em que Auta teria chegado à casa de sua madrinha. Consta na lista, sob o número 666 o nome Auta, com idade de 7 anos, preta, de origem não identificada devido ao estado de conservação do documento. Acredita-se que essa seja referência a Auta Rosa. (Anotações da pesquisadora)

à casa do casal.<sup>11</sup> Para o autor Auta não era criança ao chegar à casa de Amélia e Jeronimo.<sup>12</sup> Costa problematiza também acerca do sobrenome de Auta. Segundo ele o sobrenome “Rosa” teria sido criação de Branco como forma de pintar a cidadania de Auta.

AUTA com U e ROSA, foi o nome que achei no livro de Homero. Não sei onde ele foi buscar. Nada achei que me convencesse que seu nome era AUTA, a não ser que ao trocar o L pelo U, já lhe faça um designativo de fé que seus devotos têm nela.<sup>13</sup>

No entanto, no documentário utilizado como fonte complementar desta pesquisa, pessoas afirmam que o sobrenome Rosa teria sido a ela atribuído após seu sepultamento. Segundo esses relatos, quando as pessoas acendiam velas na sua cova sentiam cheiro de rosas do local onde Auta foi sepultada.<sup>14</sup>

Apesar da referência de Costa acerca da afirmação de que Auta Rosa teria chegado na casa de Amélia e Jerônimo já adulta e “meretriz”, em suas palavras, bem como sua afirmativa a respeito do sobrenome Rosa ser apenas uma forma de “torná-la cidadã” ao atribuir um sobrenome normalmente atribuído às mulheres brancas, tal afirmação não nos assegura que tenha ocorrido desta forma, uma vez que as demais referências existentes, como aquelas relatadas por Branco em suas duas obras *Auta Rosa* e *Ecos de Amarante*, Castro em sua obra *Amarante*, um pouco da história e da vida da cidade bem como nos relatos da tradição oral relatados no capítulo seguinte deste trabalho não trazem essa informação.

Poderíamos, ainda, a partir de sua afirmativa, no que se refere à cidadania pintada de Auta Rosa, relacioná-la a uma manifestação de racismo e discriminação do autor devido ao fato de a mesma ser negra, a ela ser atribuído o comportamento de prostituição e dela ter sido negado o direito de ser enterrada em uma cova dentro de um cemitério como normalmente acontecia o sepultamento naquela ou em qualquer outra cidade.

*Auta Rosa* foi descrita por Homero Castelo Branco como uma mulatinha magricela, mas de extraordinárias virtudes. Durante o tempo em que morou com seu padrinho e com sua madrinha servia como ama da filha do casal e era responsável pelos afazeres domésticos. Segundo ele, Auta tornou-se uma jovem de grande beleza e bondade, o que despertava a

---

<sup>11</sup> Compreenda-se, pois que sempre que for feita referência a Costa, o nome da personagem objeto de estudo do presente trabalho *Auta Rosa*, será descrito conforme o autor com a letra “I” e entre aspas respeitando assim o entendimento que o mesmo tem e defende sobre isso.

<sup>12</sup> Para essa informação levanta a tese de que ao chegar à casa da madrinha, Auta Rosa já era adulta e mãe de uma criança recém-nascida e que foi levada à casa da madrinha e do padrinho para servir de ama de leite à sua filha também recém-nascida.

<sup>13</sup> COSTA, 2000, p 08.

<sup>14</sup> Documentário: *Auta Rosa*. Produzido pela Associação dos Amigos de Amarante, Ponto de Cultura “escola de Música para a vida”, Casa de Cultura Museu Odilon Nunes, Cine Mais Cultura. Dirigido por Bertoldo Neto. Amarante. 2011.

admiração de homens negros e o desejo de homens brancos que a cortejavam insistentemente. O autor segue afirmando que, no entanto, Auta levava uma vida tranquila: aprendeu a rezar dentre várias outras orações o Pai Nosso e a Salve Rainha e tinha como padroeiro de sua devoção, São Gonçalo; todos os domingos assistia à missa como forma de prática religiosa e presença do sagrado em sua vida.<sup>15</sup>

De acordo com o Documentário “Auta Rosa”, dirigido por Bertoldo Neto, existem diferentes versões sobre a vida da personagem, o que torna difícil a reconstrução de sua história de maneira definitiva.<sup>16</sup>

No referido documentário, Alvania Rodrigues da Cunha Pereira, que era neta de Amélia, a madrinha de Auta, pessoa que serviu de fonte de informação para a escrita do livro de autoria de Costa, citado neste trabalho, afirma que, ao chegar na casa de Amélia, Auta já era “mulher da vida”, tinha um filho e teria sido trazida para ser ama de leite de um dos doze filhos do casal Amélia e Jeronimo. Ali permanecendo teria engravidado novamente e, envergonhada pelo desrespeito com a família de brancos que a acolhera, resolveu por livre vontade ir embora, apesar da insistência do padrinho e da madrinha para que ficasse morando com ele e ela.<sup>17</sup>

Costa acrescenta que, no tempo em que Auta engravidou, os filhos do senhor Jeronimo ainda eram crianças não tendo como atribuir a eles o ocorrido. Supõe, ainda, que o que o filho de Auta provavelmente seria de um dos operários que trabalhavam no ourives de propriedade da família com a qual ela morava.<sup>18</sup>

Costa afirma, ainda, que Auta, ao chegar na casa de sua madrinha, já era mãe e levou consigo um filho pequeno nos braços. Que ela teria sentido um imenso prazer e orgulho em ser recebida pela vice-dama do município. O que se entende é que, conforme essa visão, Auta Rosa servira de ama de leite para Adrícula, filha de Amélia e também para outros filhos que esta veio a ter posteriormente, pois conforme diz o autor:

...hospedada no quarto vizinho ao de Amélia, estava Alta e a pequena Adrícula que tinha agora à sua disposição dois grandes seios que mais pareciam coités, cheios do leite precioso do qual ela tanto precisava.<sup>19</sup>

---

<sup>15</sup> BRANCO, 1999, p. 34.

<sup>16</sup> RODRIGUES, Alvania da Cunha Pereira. *Documentário Auta Rosa*. Amarante. 2011. Entrevista concedida a Chico Neto e Danilo Costa.

<sup>17</sup> COSTA, 2000, p. 21.

<sup>18</sup> Compreende-se nesta referência que o autor desenvolve um raciocínio que de certo modo culpabiliza Auta Rosa pela gravidez e pela situação de fragilidade e vulnerabilidade quando morava com a madrinha, justificando na pouca idade dos filhos desta, a impossibilidade de um deles ser o pai do filho de Auta, apesar da referência de outros autores/as a exemplo de Branco e Castro que fazem referência ao ocorrido quando a mesma teria engravidado.

<sup>19</sup> COSTA, 2000, p. 11.



Apesar das referências citadas até o momento não apontarem Auta Rosa como uma pessoa de difícil convivência, Costa apresenta o racismo como uma característica dela. Nesse sentido ele definiu como “racismo dominante no coração de Alta” a rejeição de Alta em amamentar outra filha de Amélia chamada Almerinda, irmã de Adrícula amamentada por ela desde o nascimento até os dois anos de idade, tempo da suposta morte do seu filho. Ao ser ordenada Alta teria respondido com veemência “não vou amamentar essa menina preta e feia, eu quero minha Adrícula que é branca e bonita”.<sup>20</sup>

Difícil encontrar relação entre este episódio referenciado por Costa e outras referências, citadas por Branco e Castro e historiadores bem como por pessoas da comunidade conhecedoras da sua história de vida e morte, que caracterizam Auta como uma pessoa solidária à dor e ao sofrimento de todas as pessoas.

Os relatos que existem nesse sentido constam de que ela amamentava inclusive filhos e filhas de pessoas desconhecidas, cujas mães não tinham condições ou se recusavam a amamentar por algum motivo. Que muitas vezes as mulheres se recusavam a levar seus filhos e filhas mesmo doentes para serem amamentados por ela, pois não era considerado digna de colocar seu peito negro na boca de seus filhos e filhas. Acreditavam, porém, que suas enfermidades seriam curadas com o leite de Auta, pois havia rumores de que seu leite acalmava as crianças inquietas e aliviava seu sofrimento causado por doenças do corpo. Mesmo assim, vítima da discriminação, Auta retirava o seu leite e mandava para que as crianças fossem cuidadas.<sup>21</sup>

Para o historiador Queiroz em entrevista realizada no mesmo documentário citado anteriormente, Auta sofreu violência sexual, foi prostituída, explorada sexualmente, provavelmente por um dos filhos de sua madrinha, o qual teria arrebatado seu filho ao nascer, mandando-o para longe a fim de não envergonhar e não deixar mácula na imagem da família. Essa versão ainda hoje é recontada por pessoas mais antigas da comunidade que assim ouviram de seus/as antepassados/as.<sup>22</sup>

Ainda no que se refere ao filho de Auta Rosa, Costa cita o trágico episódio que teria acontecido certa noite enquanto amamentava. Ela teria adormecido e sufocado seu filho ainda recém-nascido com seu farto seio. Ao mover-se, deitou-se por cima da criança e como a ponta

---

<sup>20</sup> COSTA, 2000, p. 16.

<sup>21</sup> Encenação de uma parte da história de uma mulher cujo nome não foi referido no Documentário Auta Rosa, produzido pela Associação dos Amigos de Amarante, Ponto de Cultura “escola de Música para a vida”, Casa de Cultura Museu Odilon Nunes, Cine Mais Cultura. Dirigido por Bertoldo Neto. Amarante. 2011.

<sup>22</sup> QUEIROZ, VIRGILIO. *Documentário Auta Rosa*. 2011. Entrevista concedida a Chico Neto e Danilo Costa.

da teta ainda estava em sua boca, seu peso pressionou a mama e esta jorrou um jato de leite boca a dentro, fechando a traqueia da criança que morreu sufocada.<sup>23</sup>

Apesar das diferentes versões, observa-se que a vida de Auta pode ser caracterizada como rotineira onde cotidianamente realizava afazeres domésticos e servia de ama de leite para filhos e filhas de sua madrinha. No entanto sua vida mudou radicalmente no dia em que sua madrinha Amélia descobriu e revelou ao seu padrinho Jeronimo que a afilhada teria se tornado mulher da vida. Segundo Branco, certa manhã a madrinha de Auta, já desconfiada, encaminhou-se para o seu quarto, acendeu uma vela à Virgem, como forma de devoção antiga que fazia todas as sextas feiras. Sentou-se em uma rede e acendendo um cigarro começou a pensar sobre a vida de Auta quando lhe veio o pensamento se ela ainda era “moça”.<sup>24</sup> Ao ser perguntada sobre o fato Auta Rosa teria respondido que ainda era “moça donzela”.<sup>25</sup>

Ainda desconfiada, a madrinha de Auta resolveu fazer de outro modo. Antes, no entanto, pensou que caso fosse verdade que Auta houvesse se tornado mulher da vida seria devido ao fato de que a mesma não ter sido iniciada no ritual de extirpação do clitóris como rezava o costume. Tal procedimento era realizado em condições de higiene bastante precárias e acontecia quando as meninas alcançavam a idade de 12 anos como uma espécie de cerimônia de indicação de maturidade e como forma de evitar a promiscuidade através da negação do prazer à mulher eliminando o seu clitóris.<sup>26</sup>

Foi então quando dona Amélia resolveu colocar Auta Rosa à prova daquilo que afirmara, sobre ainda ser moça donzela. Ainda conforme Branco, dona Amélia, madrinha de Auta, tinha outro método para saber se a jovem ainda preservava a virgindade. Tomava a medida do pescoço com uma linha. A menina prendia com os dentes de forma firme as extremidades de uma linha. Se a cabeça não passasse pelo círculo formado pela união das extremidades, era indicativo de que a mesma preservava sua honra intacta. Caso contrário, se o círculo formado pela linha fosse suficiente para passar a cabeça da menina e chegar até o seu pescoço, era indicativo de que a mesma não era mais virgem e assim considerada impura.<sup>27</sup>

Ao perceber que seria submetida a este teste Auta teria confessado para sua madrinha o ocorrido.

---

<sup>23</sup> COSTA, 2000, p. 13.

<sup>24</sup> O termo moça sempre foi muito utilizado como indicativo de que a mulher ainda não manteve relações sexuais e que permanece virgem.

<sup>25</sup> BRANCO, 1999, p. 24.

<sup>26</sup> BRANCO, Homero Castelo. *Documentário Auta Rosa*. 2011. Entrevista concedida a Chico Neto e Danilo Costa.

<sup>27</sup> BRANCO, 1999, p. 24.

Foi de manhãzinha no curral, minha madrinha... a primeira vez... Eu acordei ainda com escurinho para apanhar leite e ele estava esperando... eu não queria, eu juro... ele disse que não me faria mal, me perdoe minha madrinha.<sup>28</sup>

Constatou, assim, a madrinha que Auta perdera a virgindade passando a afirmar para todos/as a desgraça que havia acontecido. Segundo ela, Auta teria se tornado “mulher da vida”. Seu padrinho, apesar da tristeza pelo ocorrido, sentiu-se desejoso de afagar-lhe os cabelos carinhosamente, mas, não teria conseguido romper a postura de homem de coração duro. Não considerada digna do perdão de sua madrinha e diante da indiferença do seu padrinho, Auta foi devolvida para sua tia Maria Casca Preta. Enquanto saía da casa de sua benfeitora, a tia lembrou-se da sua experiência ao alcançar a puberdade e refletiu que, por não ter sido iniciada no costume, Auta Rosa havia caído em perdição. Segundo o autor:

Numa manhã cinzenta Maria Casca Preta entrou numa barraca de taipa. Velhas “tias” a seguraram enquanto outra mulher, a mais velha, fez um corte em seus genitais com uma faca sem esterilização ou anestesia de qualquer tipo extirpando seu clitóris. Assim poderia ser entregue ao casamento. Era o costume.<sup>29</sup>

Queiroz aponta no documentário que ao descobrir que a afilhada não era mais virgem, Amélia a mandou para o ambiente de prostituição chamado Cai N’água e que a mesma encontrava-se grávida. Que Auta levou sua gravidez adiante, voltou para a casa de parentes em um bairro da cidade chamado Bonito, teve seu filho, mais tarde conhecido como Zé Gogó e que foi arrebatado para viver longe de Amarante para não deixar mácula na família de dona Amélia, sua madrinha.<sup>30</sup>

Queiroz segue afirmando em seu depoimento no documentário que Auta e seu filho, nascido depois que saiu da casa de Amélia, viviam em condições bastante difíceis, em uma pobreza extrema. Nesta situação de grande vulnerabilidade a mesma teria começado a “vender o corpo” e se prostituir como forma de garantir a criação do filho e sua própria sobrevivência. Que sempre muito generosa realizava trabalho benemérito acolhendo e cuidando de pessoas vitimadas pela tuberculose que viviam nas regiões próximas aos prostíbulos, tendo posteriormente contraído a enfermidade porque também cuidava dos corpos de pessoas enfermas e daquelas que morriam em decorrência da doença. Lavava seus corpos para serem enterrados e, assim, veio a contrair a doença.<sup>31</sup>

A tuberculose foi, durante muito tempo, uma patologia de natureza grave. Seu diagnóstico não se fazia como atualmente, o que dificultava o tratamento e as pessoas

<sup>28</sup> BRANCO, 1999, p. 24 e 25.

<sup>29</sup> BRANCO, 1999, p. 23.

<sup>30</sup> QUEIROZ, Virgílio. *Documentário Auta Rosa*. 2011. Entrevista concedida a Chico Neto e Danilo Costa.

<sup>31</sup> QUEIROZ, Virgílio. *Documentário Auta Rosa*. 2011. Entrevista concedida a Chico Neto e Danilo Costa.

igualmente não tinham a compreensão exata dos modos de contágio e de transmissão. Os tratamentos eram feitos a partir do conhecimento que as pessoas construíam no senso comum. No presente contexto, final do século XIX, não se falava em medicamentos que pudessem ser utilizados no tratamento da doença considerada na época como o mal do século. Seu tratamento, através da penicilina, tornou-se possível a partir de 1941, segunda metade do século XX.<sup>32</sup>

Segundo o historiador Queiroz, a tuberculose apresentava um alto índice em Amarante, cidade onde o comércio era próspero, considerado um dos principais do Estado do Piauí. O autor acredita que a possibilidade de proliferação de várias doenças, inclusive a tuberculose, tenha ocorrido devido ao grande fluxo de pessoas, principalmente as consideradas “estrangeiras”, vindas em grande escala da Inglaterra e de Portugal que buscavam a comercialização de produtos de vestuário e tecidos na região. Para Queiroz, no imaginário popular, a tuberculose era considerada um castigo de Deus. Suas vítimas eram normalmente pessoas marginalizadas e de baixo poder aquisitivo. As pessoas que eram acometidas pela doença eram isoladas do convívio com as famílias e alojadas nos prostíbulos da cidade que, com o passar do tempo, tornaram-se espaços onde se encontravam os maiores focos da doença.<sup>33</sup>

Observa-se, neste ponto da história recontada pelas fontes exploradas até o momento, a existência de uma janela na história de vida de Auta Rosa. Nenhuma outra referência escrita, documentada, ou recontada pela tradição oral indica os acontecimentos entre a sua saída da casa da madrinha, sua convivência ou mesmo sua sobrevivência até o período em que contraiu a tuberculose em decorrência de seu gesto solidário e humanitário para com as vítimas da tuberculose. Tal lacuna nos leva a caminhar na história e chegar ao polêmico episódio de sua morte e sepultamento relatado a partir do item seguinte intitulado morte e devoção a Auta Rosa de Amarante.

### *1.3 AUTA ROSA: MORTE, EXCLUSÃO SOCIAL, DEVOÇÃO E RELIGIOSIDADE POPULAR*

No ano de 1890 teve início uma questão política entre a Intendência Municipal, na pessoa do intendente João Gonçalves Ribeiro Filho, e a Paróquia de São Gonçalo, através do Cônego Francisco José Batista. Pretendia a Intendência<sup>34</sup> chamar ao seu domínio e interditar o

<sup>32</sup> QUEIROZ, Virgílio. *Mulheres de Amarante*. Disponível em: <<http://www.meionorte.com/cidades/pi/mulheresdeamarante 289407>>. Acesso em: 12 mar. 2017.

<sup>33</sup> QUEIROZ, Virgílio. *Mulheres de Amarante*. Disponível em: <<http://www.meionorte.com/cidades/pi/mulheresdeamarante 289407>>. Acesso em: 12 mar. 2017.

<sup>34</sup> Intendência era o termo utilizado para se referir ao órgão público municipal que hoje se define como Prefeitura Municipal.

cemitério de São Gonçalo através de um Decreto Republicano. Foi nesse contexto que Auta Rosa veio a falecer algum tempo depois de ter sido encontrada por sua madrinha.<sup>35</sup>

Segundo Branco, inconformada com a falta de notícias sobre Auta, sua madrinha sempre buscava, através de pessoas conhecidas, alguma informação que pudesse leva-la até a afilhada. Certo dia, ao sair em passeio pela cidade, Amélia, madrinha de Auta, teria encontrado a mesma e o filho muito doentes, acometidos pela tuberculose em um casebre abandonado e assim o autor descreveu a situação:

Deitada em uma cama de varas, onde o corpo magro ganhava seu contorno enviesado, não havia colchão. Sobre as varas apenas folhas de bananeiras envelhecidas pelos anos e o corpo esquelético de Auta... faces encovadas, olhos sem brilho, foscos, vítreos... as mãos pequeninas acostumadas ao trabalho, teimavam em querer pegar qualquer coisa no ar com insistência.<sup>36</sup>

Compadecida com a situação da afilhada, Amélia teria levado ambos de volta para sua casa e tido com ela todos os cuidados necessários para que a mesma se recuperasse. Conforme Branco, tal esforço foi em vão, porque alguns dias depois o filho de Auta teria falecido.

Auta Rosa morreu no dia 13 de dezembro de 1890 aos 29 anos de idade. Segundo Branco ao morrer “exibia a força luminosa do espírito imortal que encontrara no reino de Cristo. Morte serena que nem dera tempo acender-lhe a vela tão previamente guardada pela madrinha para iluminar sua passagem”.<sup>37</sup>

Organizado o ambiente onde o corpo de Auta seria velado, observou-se:

A defunta foi colocada num caixão, no centro do quarto, sendo acesa quatro velas, colocadas sobre tijolos em forma de cruz – uma aos pés e outra à cabeceira, uma à direita e outra à esquerda. Às dezesseis horas começou-se a rezar: “Maria valei-me”, O Santo Ofício e outros benditos. Cantou-se ainda as incências das almas, repetida doze vezes.<sup>38</sup>

É parte das manifestações de religiosidade popular, principalmente em cidades interioranas, para as pessoas mais antigas que adotam cultos específicos em situações como a de morte, ao perceberem o estado crítico de adoecimento de um familiar, cuidar para que não faça o que eles chamam de “passagem na escuridão”, ou seja, reservam sempre uma vela para que no momento do seu falecimento seja acendida com a finalidade de iluminar seu caminho, sua passagem da vida material para a espiritual, conforme dizem as pessoas mais idosas.

Observa-se que, se não em vida pelo menos em morte, Auta Rosa teve das pessoas que cuidaram do seu corpo, o mesmo cuidado que dedicou às pessoas vitimadas pela tuberculose.

---

<sup>35</sup> CASTRO, 2001, p. 26.

<sup>36</sup> BRANCO, 1999, p. 26.

<sup>37</sup> BRANCO, 1999, p. 30.

<sup>38</sup> BRANCO, 2001, p. 63.

Fecharam os olhos da defunta, amarraram-lhe os pés, cruzaram-lhe as mãos sobre o peito, pentearam-lhe os cabelos e fez-se a limpeza nas partes do corpo que ficariam expostas. O corpo foi vestido, o que se fez cantando uma Ave Maria.<sup>39</sup>

Tudo leva a crer que Auta Rosa foi velada na casa de sua madrinha, Amélia, e de seu padrinho, Jeronimo. Branco faz breve referência acerca do ritual.

Velório simples de casa cheia, sala, quartos, quintal. Contrição religiosa total. A morta arrumada, penteada e perfumada... lembrada por sua maior virtude: aceitar o sofrimento sem revolta, assim como sofreram vários outros santos e o próprio Cristo. Carregou sua própria cruz. Suportou as injustiças voluntariamente, abrindo caminho de penitência, vista como uma eficiente prática de purgação do espírito.<sup>40</sup>

Conforme algumas narrativas citadas em Branco, o Sr. Jeronimo, ao observar o corpo sem vida de Auta no seu leito de morte, o olhava com respeito e simpatia, foi capaz de um gesto paternal ao beijar-lhe a fronte, afagar-lhe os cabelos, como não fizera quando saiu de sua casa. Emocionou-se até as lágrimas. Então, como forma de reconhecimento teria ordenado que se tomassem as providencias para a realização do sepultamento da afilhada. Porém, quando chegaram ao cemitério, encontraram os portões fechados devido ao problema com a Intendência.<sup>41</sup>

Segundo Costa existem alguns motivos que explicam o trágico episódio do sepultamento de Alta. Ao chegarem ao cemitério o mesmo estava com os portões fechados e a chave encontrava-se no poder do chefe político que se recusou a entregá-la para que se realizasse o enterro. Por esse motivo teria o capitão Jeronimo ameaçado passar com o caixão por cima do muro do cemitério, sendo destituído da ideia por seus correligionários que o aconselharam. Não aceitando tal proibição para enterrar a afilhada dentro do cemitério, decidiu e ordenou que uma sepultura fosse cavada no lado de fora, na entrada do cemitério de São Gonçalo, onde o corpo de Alta, foi enterrado. O segundo motivo apontado na polêmica do enterro seria a situação social e moral de Alta, considerada portadora dos três “p”: preta, pobre e prostituta.<sup>42</sup>

Para Castro, o fato de Auta Rosa não ter sido enterrada dentro do cemitério nada tem a ver com questões de intendência política. A autora afirma que a negação de uma sepultura por não ser considerada digna de ser enterrada dentro do cemitério junto com os/as outros/as deu-se por ela ser considerada “mulher da vida”.<sup>43</sup>

---

<sup>39</sup> BRANCO, 2001, p. 63.

<sup>40</sup> BRANCO, 1999, p. 31.

<sup>41</sup> BRANCO, 1999, p. 32.

<sup>42</sup> COSTA, 2000, p. 28 e 29.

<sup>43</sup> CASTRO, 2011, p. 28.

De acordo com Costa, a sociedade amarantina foi marcada por características como orgulho e discriminação e a existência de dois cemitérios, por si só, segundo ele, não representava preconceito. O autor caracteriza como preconceituosa e discriminadora a seleção social de “defuntos” que ocupariam cada espaço. O Cemitério São Gonçalo era destinado para pessoas ricas e o Cemitério Vila Nova, sempre descuidado, para pobres e indigentes.<sup>44</sup>

Compreende-se a afirmação acerca da construção de dois cemitérios de forma diferente daquela apresentada pelo autor. Receber o sepultamento de pessoas da elite no melhor espaço e das pessoas sem classe social definida em um em condições precárias em outro espaço construído especificamente para estas, implica uma manifestação clara de segregação e parte de um processo de discriminação racial, social e econômica que coloca ricos/as e pobres, negros/as e brancos/as em lados opostos onde uns/as são privilegiados/as em detrimento dos/as outros/as. A questão permite perguntar como seguir a lógica do autor e não considerar tal atitude como uma atitude preconceituosa quando o preconceito fica evidente. É possível afirmar que esta foi mais uma das formas de discriminação que Auta Rosa sofreu ao morrer e que continua sofrendo a partir da sua memória.

Aqui há outra lacuna na história. Os relatos bibliográficos explorados até agora são os únicos encontrados que fazem referência ao sepultamento de Auta Rosa. Além de sua morte pouco se fala sobre o sepultamento, o que faz, de novo, seguir na história com as memórias para o período pós-morte e da sua devoção popular.

Após sua morte, Auta tornou-se objeto das lembranças do seu padrinho e de sua madrinha nas rodas de conversa ao cair da noite. Nestas conversas evidenciavam suas qualidades, sua humanidade, suas virtudes. Referiam-se a ela como uma pessoa simples que, como todos/as, sentia as mesmas necessidades e enfrentava os problemas da vida com sensibilidade e resignação. Em suas memórias, conforme Branco, o senhor Jeronimo certa noite, já passado mais de ano da morte prematura de Auta, resolveu se pronunciar diante de sua família e de conhecidos/as a respeito daquela que foi um dia a sua afilhada. Chamado pela própria consciência, em seu discurso pronunciou-se:

Morreu Auta! Conhecemos ainda menina. Era uma criança extraordinária. Um ser humano, tão humano, até mais do que nós. Suas virtudes foram excepcionais. No mais sentiu frio, teve fome e sede como qualquer um de nós. Sofreu muito diante dos problemas da vida, talvez por sua sensibilidade. Respeitou os homens, amou a humanidade... amou a Deus acima de todas as coisas, lutou dentro da sua fraqueza e imperfeição humana para viver amando a Cristo com sinceridade, lealdade e absoluta verdade.<sup>45</sup>

---

<sup>44</sup> COSTA, 2000, p. 26.

<sup>45</sup> BRANCO, 2001, p. 69.

E, assim pensando, mais tranquilo e aliviado ao se permitir falar sobre ela, o capitão Jeronimo propôs:

Gostaria que no aniversário de morte da finada Auta, os meus descendentes se reunissem em torno de sua catacumba para alimentar os estômagos famintos, vestir os corpos nus e calçar os pés doloridos... para significar a meditação dos bons exemplos dessa alma que partiu induzindo-nos a seguir suas pegadas.<sup>46</sup>

Segundo Branco comovidos/as com a situação de indignidade da finada, e talvez corroídos/as pela culpa da rejeição os beatos e as beatas da época começaram a acender velas em homenagem à finada Auta. Neste período formaram-se as confrarias dos/as penitentes e romeiros/as que saíam todas as sextas-feiras de madrugada visitando o cemitério e rezando nas cruzes, cantando excelências e pedindo pelas almas dos/as defuntos/as e que sempre concluíam suas preces na cova da finada Auta, por quem a devoção aumentava a cada dia.<sup>47</sup>

Para Castro, penalizados/as com a situação de humilhação imposta a Auta Rosa mesmo depois de morta, as pessoas da cidade que visitavam seu túmulo começaram a fazer promessas à sua alma sofredora e serem atendidas. Segundo a autora, foi assim que se espalhou a devoção àquela ainda hoje chamada Finada Auta.<sup>48</sup>

A questão político-religiosa e social que impediu um sepultamento digno para Auta Rosa terminou após a abolição da escravatura, por volta de 1890. Ano de mudanças inclusive na economia instável decorrente da seca e da recente Proclamação da República, favoreceu, de certo modo, a eclosão do misticismo e aos recursos a meios extraordinários para resolver as dificuldades materiais.<sup>49</sup>

Nesse sentido, o Branco parece acreditar que a instabilidade econômica contribuiu com a eclosão do misticismo porque a grande movimentação das pessoas advindas de outras regiões para conhecer o fenômeno de Auta Rosa, poderia de imediato trazer recursos pontuais que movimentariam a economia e ao mesmo tempo poderiam dar visibilidade à cidade que a médio ou longo prazo contribuiriam com seu crescimento.<sup>50</sup>

Neste período, por volta de 1891, ocorreu o fenômeno que marcaria a história da comunidade de Amarante. Relatos narram que um ano após o fim da questão entre intendência e paróquia teria o intendente autorizado a exumação do corpo da finada Auta para que seus

---

<sup>46</sup> BRANCO, 1999, p. 70

<sup>47</sup> BRANCO, 2001, p. 71.

<sup>48</sup> CASTRO, 2011, p. 30.

<sup>49</sup> BRANCO, 1999, p. 35.

<sup>50</sup> BRANCO, 1999, p 35.



restos mortais fossem enterrados em uma sepultura digna de qualquer pessoa da comunidade.

Segundo Branco:

Abriram a sepultura a fim de ser trasladado o seu corpo para dentro do cemitério e a enxada tocou-lhe o rosto e do ferimento verteu sangue: então havia se santificado, cobriram-na de terra novamente e a deixaram permanecer no mesmo lugar.<sup>51</sup>

Segundo Costa, aconteceu posteriormente, no mandato do Prefeito Adonias Albuquerque, uma tentativa de ampliação do cemitério para, segundo o mesmo, “abraçar Alta Rosa”, incluindo sua sepultura na parte interna do campo santo. Em consulta prévia à comunidade a proposta não foi aceita. A justificativa da rejeição está atrelada ao fato de que uma vez que Alta não pôde ir ao cemitério, este agora não poderia chegar até ela. Permanece assim a sepultura na porta do cemitério São Gonçalo até os dias de hoje.<sup>52</sup>

Um entendimento possível desta situação parte da compreensão da comunidade de que não existe mais necessidade de transpor a sepultura para dentro do cemitério, uma vez que depois de tantos anos na parte externa o túmulo passou a fazer parte da história do município e para muitas pessoas se configura uma tradição secular. Visitar o túmulo de Auta Rosa da forma como ainda se encontra no imaginário popular representa uma demonstração de fé característica do povo da cidade de Amarante.

É comum nas cidades pequenas, situadas no interior dos estados brasileiros, em especial nos estados do Nordeste, a visita ao cemitério na intenção de acender velas e fazer orações e preces pelas pessoas falecidas. Igualmente é típica a manifestação de religiosidade popular através de pedidos e promessas feitas aos santos padroeiros de devoção das comunidades. Normalmente quando alcançados os pedidos os devotos e as devotas pagam suas promessas realizando longas caminhadas em direção a santuários ou igrejas, ou mesmo rezando e acendendo velas como forma de agradecimento.

Assim também aconteceu em Amarante após a morte de Auta Rosa. Castro relata que pessoas da comunidade amarantina acometidas de doenças graves que intercederam à Finada Auta teriam alcançado a graça da cura de suas enfermidades. Como forma de agradecimento alguns fiéis ergueram um túmulo onde antes existia somente a sepultura ou cova, como conhecem. Outras pessoas fazem espontaneamente a limpeza e manutenção do sepulcro.<sup>53</sup>

---

<sup>51</sup> BRANCO, 1999, p. 36.

<sup>52</sup> COSTA, 2011, p. 31.

<sup>53</sup> CASTRO, 2011, p. 32.



Foto da sepultura de Auta Rosa registrada por Airton Ferreira Martins na entrada principal do Cemitério São Gonçalo, na cidade de Amarante/PI.

Branco também refere que algumas pessoas da comunidade de Amarante teriam sido atendidas em seus pedidos e alcançado graças através da devoção à finada Auta Rosa. Um dos relatos afirma:

Um senhor chamado Passos, era doente de epilepsia e que um dia quando já sem esperanças foi à cova da finada Auta e sentiu que a enfermidade cessara de repente quando uma onda de estranho calor penetrou-lhe o organismo e o mesmo ouviu cantos celestiais dentro do seu coração. Curado da enfermidade mandou construir a sua primeira catacumba.<sup>54</sup>

Em outro relato, Ciro Luiz de Sousa falou:

Já estive doente de incontinência urinária, estava muito mal, sentindo que a morte vinha me buscar. Pobre, obrigado a trabalhar para sustentar a família e angustiado pelo sofrimento, uma noite fui à cova da finada Auta Rosa e orei pedindo que me amparasse. No fervor da prece vi Auta. Minha angústia era infinita. Embebi-me de prece sentida, compreendendo que Auta me olhava amorosamente. De seu olhar uma profunda compaixão se derramava. Extasiado e surpreendido observei um traço de luz que pousou levemente no meu estomago. Imenso alívio percorreu-me o corpo, senti que a próstata ferida pouco a pouco cicatrizava. Durou algum tempo e Auta com um sorriso terno se despedia. Logo voltei a ficar só. Estava curado. Mandei construir a segunda catacumba.<sup>55</sup>

Dona Maria Marques Pinto menciona que:

...através de biopsia e outros exames, os médicos tinham constatado que eu estava com câncer. Tive um imenso sofrimento ao saber. Foi verdadeiramente horrível, mas, mesmo assim, ainda tive fé e rezei pedindo ajuda à finada Auta e logo depois me recuperei. Louvo a Deus pela enorme graça recebida.<sup>56</sup>

<sup>54</sup> CASTRO, 2011, p. 32.

<sup>55</sup> BRANCO, 1999, p. 37 e 38.

<sup>56</sup> BRANCO, 1999, p. 38.

Antônio Neto, cidadão amarantino, também contou:

...depois de um derrame comecei a ter um comportamento diferente, passando a criar problemas com a vizinhança que vivia assustada pelos meus atos inconsequentes. Andava pelas ruas provocando desatinos e alarmando familiares, até que minha esposa dirigiu orações à finada Auta e recebemos a grande graça de ver tudo voltar ao normal sendo um homem equilibrado.<sup>57</sup>

A partir dos relatos descritos em sua obra, Branco defende a ideia de que a devoção à finada Auta Rosa representa uma necessidade inconsciente das pessoas de manter contato com a divindade e que existe uma identificação das pessoas crentes com a história de Auta. Uma vez que em vida ela suportou dificuldades e provações, render-lhe reverência e devoção seria uma forma de receber dela a coragem necessária para suportar os problemas da vida atual.<sup>58</sup>

O que, no entanto, se observa no cotidiano da comunidade é que a devoção à finada Auta ainda hoje está viva. Semanalmente, sempre às segundas-feiras, dia dedicado às almas, pessoas da comunidade local visitam o túmulo da finada, fazem orações e acendem velas como forma de agradecimento e de devoção. Anualmente, romarias vindas de diversos municípios circunvizinhos e até mesmo de outros estados, chegam até Amarante no feriado do dia de finados. São pessoas que relatam graças alcançadas ou mesmo que desenvolveram como costume religioso visitar o túmulo da finada Auta Rosa como forma de expressão de sua devoção.

Compreende-se, pois a partir do levantamento da história de vida de Auta Rosa, segundo as fontes disponíveis, que a mesma teve um tempo de vida muito breve, pois morreu aos 29 anos de idade, e nesse curto espaço de tempo experienciou situações de opressão, violência, discriminação racial e exclusão social. A sua condição étnica de mulher negra, sua situação social resumida a trabalho doméstico e ama de leite de filhos e filhas que não gerou, a condição, provavelmente “imposta”, de mulher prostituída e “portadora” de uma doença contagiosa e grave, lhe renderam em vida um sofrimento muito grande e após sua morte, as mesmas condições citadas ao se somarem, como que em um processo de interseccionalidade, se fortaleceram para caracterizar a sua redenção ao ser considerada pelo mesmo imaginário coletivo como a santa Auta Rosa, digna e merecedora de reconhecimento e devoção no mesmo contexto social no qual vivera no século XVII.

Com esta compreensão, no capítulo seguinte serão apresentadas narrativas conforme os relatos etnográficos de pessoas da comunidade que preservam a história de vida e morte desta personagem, através da tradição cultural e religiosidade popular da cidade de Amarante.

---

<sup>57</sup> BRANCO, 1999, p. 38.

<sup>58</sup> BRANCO, 1999, p. 39.



## 2 EXCURSIONANDO PELO UNIVERSO DE AUTA ROSA

As narrativas de vida bem como os relatos etnográficos<sup>59</sup> são instrumentos utilizados para colher informações em um espaço específico onde a pretensão seja compreender como as relações entre determinados fenômenos acontecem alterando e modificando uma realidade específica. Nesse sentido, o presente capítulo busca através das visitas realizadas na cidade de Amarante, encontrar a partir do relato de experiência das pessoas que preservam a memória acerca da história da cidade, os elementos que contribuam com o entendimento da devoção em si que se formou em torno de Auta Rosa, para em seguida, ao analisar os dados colhidos, identificar elementos que relacionem sua história com a teologia feminista e teologia feminista negra. Seguiu-se, pois, com a identificação das relações existentes entre a personagem da cultura popular, sua história de vida e devoção e outras histórias.

### 2.1- A IDENTIFICAÇÃO DE RELAÇÕES POSSÍVEIS: EU, MINHA MÃE E AUTA ROSA DE AMARANTE

Ao me inscrever no Mestrado Profissional em Teologia pela Faculdades EST, fiz a opção pela Linha de Pesquisa Gênero, Feminismos e Diversidade. A escolha se deu a partir de uma identificação inicial com a proposta da mesma, explicitada na ementa do curso e dos componentes curriculares. Segundo a proposta o curso oportuniza discussões acerca de modos diferenciados de pensar e discutir a construção social e cultural dos papéis desempenhados por homens e mulheres, sobre a diversidade, principalmente sexual, em diversos contextos com os quais se mantém contato diariamente, influenciando e sendo igualmente influenciadas e influenciados por eles enquanto espaços de desconstruções e reconstruções destes diferentes modos de pensar.

A minha falta de conhecimento acerca da temática até então causou certa estranheza no início do curso e, porque não dizer, despertou curiosidade em descobrir como uma Instituição Luterana traria para o contexto de sala de aula questões tão polêmicas e

---

<sup>59</sup> A etnografia é o estudo descritivo da cultura dos povos, sua língua, raça, religião, hábitos como também das manifestações materiais de suas atividades. É a ciência das etnias. Do grego *ethos* (cultura) + *graphie* (escrita). Estuda e revela os costumes, as crenças e as tradições de uma sociedade, que são transmitidas de geração em geração e que permitem a continuidade de uma determinada cultura ou de um sistema social. O relato etnográfico é um método utilizado para a obtenção de informações acerca daquilo que se objetiva pesquisar. Informações disponíveis no site: <<https://www.significados.com.br/etnografia/acessohttps://www.significados.com.br/etnografia/>>. Acesso em: 27.05.2017.

aparentemente antagônicas como estas que envolvem principalmente a sexualidade nas suas diversas configurações. Gênero, feminismos e diversidade nas discussões sobre a religiosidade pareceu inicialmente uma proposta um tanto quanto impossível de se construir, uma vez que eram, para mim, até o momento, completamente antagônicas e dificilmente discutidas e entendidas conjuntamente.

Na medida em que tive contato com os componentes curriculares, com os/as professores/as mediadores/as, com as referências bibliográficas, as discussões construídas em sala de aula e mesmo fora dela, foi possível entender que aquilo que inicialmente percebia como impossível era mais real e possível do que eu poderia imaginar. Descobrir a existência de uma teologia gay e *queer*, de uma teologia feminista ou uma teologia negra, por exemplo, se configurou como o início de um processo de desconstrução de verdades ingênuas, anteriormente absolutas e quase nunca questionadas/questionáveis. Conhecer parte de uma imensidão de autores e autoras que discutem e constroem novos modos de pensar favoreceu o processo de reconstrução dessas verdades a partir de uma perspectiva singular, menos ingênua e de uma consciência plural mais crítica e permeável.

Assim, fui me dando conta de que o processo de construção do conhecimento favorece o reconhecimento e a transformação de saberes e realidades. Ele conscientiza sobre aquilo que se desconhece e abre a diversas aprendizagens possíveis. Estas e várias outras questões deram início ao meu processo de re-aprendizagem e de transformação de concepções que tinha anteriormente.

Com isso, ao fazer as leituras relacionadas aos componentes curriculares, fui resgatando memórias pessoais. Talvez porque ao mesmo tempo em que lia e pesquisava, encontrava nas leituras a minha própria história esquecida: lembranças e vivências de uma infância e adolescência de segregação e exclusão social por ser negra e pobre. Essas lembranças se fizeram eco para mim ao ter contato com Ivone Gebara. Ao analisar a fenomenologia do mal no feminino em seu livro “Rompendo o silêncio” a autora diz que o social atribui a algumas mulheres um tríplice “pecado”: o mal de ser mulher, ser pobre e, acima de tudo, ser negra.<sup>60</sup>

Ainda a partir das leituras frequentes e apaixonantes, fui me tornando consciente do meu não saber acerca da construção da minha própria identidade enquanto mulher negra. Este não saber e a sensação por ele trazida provocou inquietação. Novamente encontrei, a partir de Ivone Gebara, na obra citada anteriormente, o entendimento de que este não saber relaciona-se muitas vezes com a negação do acesso das mulheres às diversas formas de conhecimento e que

---

<sup>60</sup> GEBARA, Ivone. *Rompendo o silêncio: uma fenomenologia feminista do mal*. Ivone Gebara. Tradução de Lucia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis/RJ: Vozes. 2000. p. 73.

este conhecimento é assegurado aos homens desde o nascimento por uma sociedade eminentemente masculina, rica e branca.<sup>61</sup> Perguntei-me, então, se estas não seriam as razões do meu não saber.

Foi este sentimento de inquietação que me fez pensar em um objeto de estudo que pudesse me dar condições de vir a saber, de conhecer a mim mesma e de reaprender além daquilo que acreditava ser a minha história única e que funcionou, durante muito tempo, como perspectiva para as relações estabelecidas até então. Dessa forma, pode-se dizer que o fio condutor para este vir a saber foi a necessidade de conhecer mais da minha história enquanto mulher negra, mesmo que através de outras histórias. Histórias que são impactantes, que chamam para si a atenção pela importância que tiveram, pelas mudanças que proporcionaram, pelas contribuições que possibilitaram acontecer.

Nessa busca encontrei ressonância em Marie Cristine Josso em seu livro “Experiência de vida e formação”. Nessa obra a autora apresenta e discute a narrativa das histórias de vida como uma metodologia de pesquisa e experiência formadora, como busca de si mesmo, do conhecimento e do sentido, onde segundo a autora o trabalho de reflexão a partir da narrativa de formação de si, pensando, sensibilizando-se, imaginando, emocionando-se, permite estabelecer mutações sociais e culturais nas vidas singulares e relacioná-las com a evolução dos contextos de vida profissional e social.<sup>62</sup>

Assim sentindo, iniciou-se, então, uma busca por histórias que dessem sentido a esta construção e que, ao mesmo tempo, ressignificassem o processo de formação da minha identidade. Foi assim que me deparei inicialmente com uma história bem peculiar de uma pessoa importante do ponto de vista afetivo e pessoal, porém sem um destaque no contexto histórico ou social circundante: minha mãe. Esse encontro caracteriza o que Josso chama de *chaminer ver soi* ou caminhar para si, ou seja, um movimento de busca de si mesmo a partir do que ela chama de aprendizagens, dentre as quais as aprendizagens relacionais me permitiram o conhecer mais a partir da comunicação com o outro, inicialmente na pessoa de minha mãe e posteriormente no que veio a representar a vida de Auta Rosa de Amarante.<sup>63</sup>

Hoje entendo que a identidade construída durante minha infância e adolescência teve uma influência muito grande da percepção que a minha mãe teve a vida inteira sobre o que representava ser mulher pobre e negra na realidade em que ela viveu por longos anos. Ela foi

---

<sup>61</sup> GEBARA, 2000, p. 63.

<sup>62</sup> JOSSO, Marie Cristine. *Self-transformation through narratives of live stories/ A transformação de si a partir da narração de histórias de vida*. Educação. Traduzido por Maria do Carmo Monteiro Pagano. Porto Alegre/RS. 2007. p. 413.

<sup>63</sup> JOSSO, 2007, p. 422.

essa menina pobre e negra que aos treze anos tornou-se empregada doméstica e babá de crianças ricas e brancas, para assim contribuir com o sustento de sua mãe, irmãos e irmãs abandonados/as pelo pai. Depois disso foram obrigadas a morar embaixo de uma árvore ao serem despejados/as da casa onde moravam porque o mesmo, antes de deixá-las, vendeu a casa com todos os poucos móveis que haviam conseguido com muito sacrifício. Vendeu, inclusive, sua máquina de costura com a qual aprendera o ofício de costureira e que, em um futuro não muito distante, viria a ser seu instrumento de trabalho e fonte de sustento da família que viria a constituir.

Foi com ela que aprendemos, tanto eu como minhas irmãs, qual era “o nosso lugar” numa sociedade racista, classista e sexista. A partir de sua experiência de vida e repetindo coisas que ela certamente aprendeu duramente, ela dizia: “*Gente preta não tem que se misturar com gente branca*”; “*seu cabelo é ruim por isso tem que cortar baixinho como se fosse cabeça de homem*”; “*precisa alisar pra ficar parecendo gente*”; “*tem que prestar pra alguma coisa, já não basta ser preta?*”

Também com ela aprendemos que este lugar não era definitivo ou estático. Foi sendo a “mãe preta” daquelas crianças brancas que frequentavam boas escolas que ela entendeu, desde cedo, que a partir da educação, que ela não teve, mas que sonhava para nós, era possível vir a ter um futuro diferente. E essa possibilidade de vir a ser algo a mais do que ela foi, na sua concepção, era representada por uma formação superior e um bom emprego para, assim, alcançar independência financeira e não depender de ninguém, como ela um dia dependeu, junto com minha avó, seus irmãos e suas irmãs, daquele pai que as/os abandonou. Com ela aprendemos a valorizar os inúmeros sacrifícios feitos, a exemplo das incontáveis noites de sono que passava costurando para assim sustentar a família que veio a constituir.

Esta associação entre Linha de Pesquisa Gênero, Feminismos e Diversidade do Mestrado Profissional, a ausência de conhecimento a respeito do processo de formação da identidade social das mulheres negras, a história de vida de minha mãe, me fez ver um caminho a ser trilhado em busca de alguém que pudesse, enquanto objeto de estudo, aproximar história de vida e realidade social. Ainda não sabia, mas esse era o caminho que me levaria até Auta Rosa de Amarante: uma mulher negra que em vida foi vítima de preconceito racial e que, após sua morte, foi violentada no seu direito de ocupar lugar dentre os mortos, sendo enterrada fora do cemitério da cidade onde viveu por motivos pouco esclarecidos. Uma mulher negra, que passou a fazer parte da religiosidade popular e do imaginário das pessoas na cidade de Amarante ao passo em que pela mesma sociedade foi discriminada e excluída.



Nesse sentido, são apresentadas outras informações para conhecer um pouco mais sobre a história de vida de uma mulher que, após sua morte, ressignificou a vida do povo de uma pequena cidade do interior do estado do Piauí e gerou devoção onde antes só havia lugar para desprezo, discriminação e exclusão.

## *2.2- RELATOS ETNOGRÁFICOS: A EXPERIÊNCIA DE OUVIR SOBRE AUTA ROSA*

Em conversa com uma amiga historiadora, Patrícia Santos, Mestre em História pela Universidade Federal do Piauí, hoje doutoranda também na área de formação, fui apresentada à história de uma mulher, descendente de escravos. Semelhante à minha mãe foi mulher negra e pobre, e esteve a serviço de família abastada desempenhando a função de ama de leite para filhos e filhas de sua patroa que também se dizia sua madrinha. Auta Rosa de Amarante, uma mulher que sofreu grandes discriminações e que, infelizmente, devido às condições de vida e às consequências do preconceito histórico e social, não teve a mesma oportunidade de transformação e crescimento através de sua descendência que teve a minha mãe.

Ao ser apresentada à história de vida de Auta Rosa amarantina percebi que, através dela e da sua história, poderia vir a saber mais sobre a minha própria identidade. Esse primeiro contato me encheu de curiosidade, me provocou e ao mesmo tempo despertou uma empatia muito grande pela semelhança entre as nossas histórias de vida e pelos caminhos diferentes que cada história tomou.

A historiadora me contou que, durante sua graduação, conheceu a história da Auta Rosa. Segundo ela, Auta era uma mulher negra, que viveu na cidade de Amarante no período pós-escravidão. Ela teria morado com alguns parentes, desde criança e que ajudava com os serviços domésticos. Segundo o relato, ali cresceu e permaneceu até tornar-se adolescente, quando engravidou. Que a madrinha ao perceber que a afilhada havia perdido a virgindade mandou-a embora da sua casa.

A partir de então Auta passou por muitas privações, tanto ela quanto o filho que veio a ter. Alguns relatos dão conta que passou a prostituir-se para sustentar o filho que teria falecido ainda criança, vitimado pela tuberculose. Ainda muito jovem morreu também Auta Rosa acometida pela mesma doença. Foi enterrada fora do cemitério da cidade.

Contou-me ainda que existe uma devoção acerca da finada Auta. Que algum tempo depois de ter sido enterrada, ao tentarem retirar os seus restos mortais para receber um segundo enterro, desta vez dentro do cemitério, a mesma teria sido atingida pela enxada utilizada pelo coveiro e que do seu rosto, quase intacto, teria jorrado sangue. Esse fato extraordinário teria feito com que fosse considerada santa. Afirmou, ainda, que a devoção segue viva e faz parte da

cultura popular da cidade de Amarante. Pessoas de diversos estados do Brasil fazem peregrinação como forma de agradecimento por graças alcançadas através da invocação do nome de Auta Rosa. Conceituei esse primeiro relato como a primeira escuta, o ouvir referenciado no subtítulo deste capítulo.

Levada pela curiosidade e pela necessidade de conhecer mais sobre aquela história que me impactou de forma tão intensa resolvi que seria importante conhecer mais sobre a sua história, visitar seu túmulo, ainda preservado na parte externa do cemitério, compreender a manifestação da religiosidade popular e a devoção à Auta Rosa pela comunidade. Foi então que, em 02 de novembro de 2016, feriado de finados, data em que se faz homenagem às pessoas falecidas, fui até a cidade de Amarante para conhecer um pouco mais sobre ela.

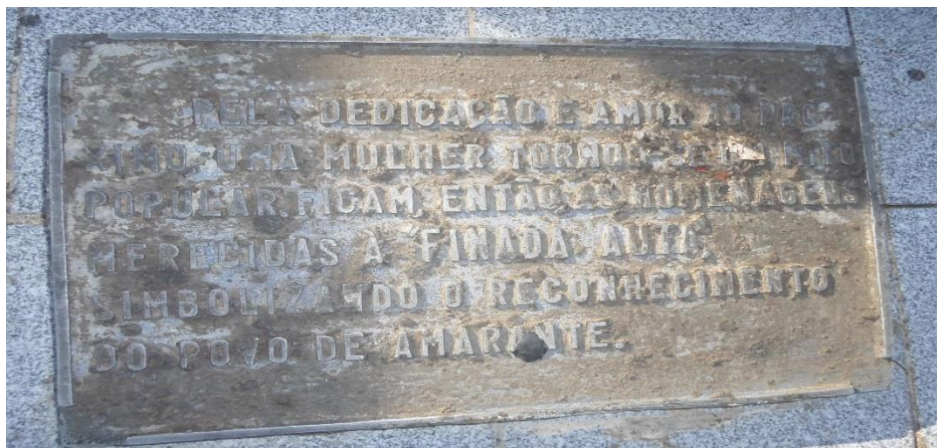
Me fiz acompanhar pelo meu esposo Airton Ferreira Martins, que de forma parceira e detalhista registrou as imagens que ilustram partes deste trabalho. Tivemos uma acolhida simples e muito espontânea de uma moradora da cidade, que nos ofereceu o abrigo acolhedor do seu lar junto à sua família nos fazendo ver como ainda é característico das pessoas que vivem nas cidades de menor porte, consideradas interioranas, a satisfação da acolhida. Foi ela que nos acompanhou até o Cemitério São Gonçalo onde pude vivenciar uma experiência inusitada, entendida como o primeiro sentir.

Ali chegando a primeira imagem que vi foi a de um túmulo simples, desgastado pelo tempo, escurecido pelo calor das velas que ali foram acesas. Demorei a tirar os olhos daquela imagem que quase que como encanto me fizeram voltar no tempo e sentir uma espécie de empatia. Era uma sensação de encantamento, tristeza, indignação e uma grande vontade de tê-la conhecido pessoalmente.



Fonte: Foto da Autora.

Aos poucos me dei conta do ritual que acontecia. Rezava-se a primeira missa do dia às seis da manhã. Muitas pessoas assistiam e participavam respondendo ao ritual católico romano, cantando louvores e acendendo velas. Levada pelo clima de tranquilidade que pairava no local, nem consegui esperar que a missa terminasse. Aos poucos fui me aproximando do túmulo de Auta Rosa e nele consegui ver uma mensagem já apagada pelo tempo em seu jazigo que dizia:



Fonte: Foto da Autora

Observei então que algumas pessoas acendiam velas e as colocavam no túmulo identificado como sendo de Auta Rosa. De gerações bem distintas, eram crianças, jovens, pessoas de meia idade, idosas e idosos. Aproximei-me de várias daquelas pessoas e perguntei a cada uma o motivo pelo qual acendiam as velas naquele túmulo. O que sabiam sobre história de Auta Rosa, seus milagres, promessas feitas, graças alcançadas.

Timidamente algumas respondiam dizendo ser parte da sua devoção tanto nas segundas-feiras, dia consagrado às almas, quanto no dia de finados. Outras pessoas diziam terem se tornado devotas por ouvirem falar sobre seus milagres e que a vela simbolizava uma forma de reconhecimento do poder de Auta Rosa. Outras ainda recontavam partes da história da vida de Auta e a viam como exemplo de bondade a ser seguido. As crianças repetiam histórias ouvidas através das pessoas adultas e pareciam brincar ao acender as velas. Contou-me uma jovem que na cidade havia uma pessoa que recebera o nome de Auta Rosa em homenagem à santa, ao nascer de um parto muito difícil e complicado. Já desenganada pelo médico, a mãe teria feito promessa para que conseguisse nascer bem. Sendo atendida em seu pedido, como forma de agradecimento colocou em sua filha o nome de Auta.

<sup>64</sup> “Pela dedicação e amor ao próximo, uma mulher tornou-se um mito popular. Ficam então as homenagens merecidas à finada Auta simbolizando o reconhecimento do povo de Amarante”. Frase escrita na lápide que se encontra em cima do túmulo de Auta Rosa, no Cemitério São Gonçalo em Amarante, Piauí.

Alguns homens também prestavam homenagem no túmulo e ao serem questionados responderam brevemente sobre a devoção que observaram nos seus antepassados e nas suas antepassadas e que, a partir de então, igualmente tornaram-se devotos. Outros lembraram de pessoas mais idosas, já falecidas, que haviam recebido milagres através de curas de doenças graves, graças ao receber de volta familiares desaparecidos/as, mudanças de comportamento de muitos/as que conseguiram se libertar de dependência química.

Assim foi durante as breves conversas que tive com algumas pessoas que ali se encontravam a acender velas no túmulo de Auta Rosa. Após a missa, em conversa com o celebrante do ritual, ele me explicou que, no seu modo de ver, as pessoas necessitam de alguém ou de alguma coisa na qual se apegar como forma de manter contato com Deus e assim continuar crendo. Afirmou que a essência daquilo que chamam “milagre” de Auta Rosa seria, na verdade, resultado de mudanças que acontecem a partir da percepção de cada um e cada uma que acredita e que faz da memória da pessoa considerada santa, uma mediadora entre si e o criador. Enfatizou ainda que o ser humano não necessitaria dessa mediação, sendo possível um contato direto com Deus que criou todas as coisas.

Uma senhora me relatou um pouco mais sobre o surgimento da devoção a ela atribuída. Recontou, segundo ela, o que ouvi de seus antepassados e de suas antepassadas. No seu relato disse:

A vida de Auta Rosa nunca foi fácil. Viveu como escrava, foi humilhada por muitos, inclusive por seu padrinho e sua madrinha. Foi “mulher de vida fácil” e quando engravidou foi mandada embora da casa de sua madrinha. Foi ama de leite para os filhos de muitas mulheres que não conseguiam e que não gostavam de dar de mamar para não ficar com os seios caídos. Elas não queriam ver Auta e não aceitavam que seus filhos colocassem a boca no seio de Auta, mas aceitavam o seu leite para alimentar seus filhos. Elas acreditavam que as crianças se acalmavam quando tomavam o leite de Auta Rosa. E assim foi durante muito tempo.<sup>65</sup>

Apesar de reafirmar constantemente que estaria somente recontando o que ouvira de seu pai e de sua mãe porque não viveu nesta época, essa senhora revelou, ainda, que ao ser encontrada quase sem vida em uma casinha abandonada Auta Rosa e seu filho teriam sido levados por sua madrinha de volta para casa para lhe dar um fim menos sofrido, mas que infelizmente era muito tarde. Os dois morreram pouco tempo depois. Primeiro o filho e, depois, a pobre finada Auta.

Ainda conforme o relato desta senhora, a morte da finada Auta causou grande comoção na cidade. Todas as pessoas queriam ver e acompanhar seu sofrimento. Já corria a notícia de

---

<sup>65</sup> Relato da coleta durante visita realizada em 02.11.2016 e registrada em diário de campo.

que seu leite era abençoado. As crianças e até pessoas adultas que tomavam do leite, além de alimentar os corpos, acalmavam a alma.

Sobre o sepultamento de Auta contou que muitas pessoas da cidade teriam saído em cortejo para fazer o seu sepultamento como uma última homenagem. Conforme a mesma fonte algumas pessoas choravam, outras acompanhavam em silêncio a caminhada, outras tantas só olhavam de longe quando o cortejo passava. Quando chegaram ao cemitério estava tudo fechado porque estavam reformando e não deixaram Auta ser enterrada dentro do cemitério. Foi quando o capitão Jerônimo, padrinho dela mandou abrir a cova do lado de fora do cemitério para enterrar Auta ali mesmo.

O relato da senhora contou ainda que por bastante tempo a cova da finada Auta do lado de fora do cemitério causou revolta e comoção nas pessoas que visitavam o cemitério. E que por pena daquela situação as pessoas começavam a acender velas pela alma da finada Auta Rosa, o que acabou se tornando uma tradição que segue sendo contada e recontada pelas pessoas mais antigas, assim como seu pai contou pra ela a vida inteira.

Ouvir os relatos recontados por moradores e moradoras da cidade onde Auta Rosa cresceu, morreu e tornou-se objeto de devoção popular me fez perceber o quanto seria complexo escrever sobre alguém esquecida no tempo e lembrada a partir da perspectiva religiosa, sem ser levado em consideração outros elementos igualmente importantes da sua vida material. Além disso, a experiência de ouvir os relatos intensificou a necessidade de dar visibilidade à sua história. Foi assim que encerrei o primeiro percurso em busca da sua história recontada pela tradição oral das pessoas que conhecem tal história mesmo que por somente ter ouvido contar por outros e outras que os e as antecederam.

### *2.3- EXPERIENCIANDO OUTROS RELATOS: OUVINDO E SENTINDO SOBRE AUTA ROSA*

Então, partindo dos dados obtidos na primeira viagem, ao sistematiza-los no esboço dessa narrativa, percebi que a devoção à Auta Rosa, da forma como foi recontada necessitaria de outros elementos que pudessem contribuir com o meu entendimento. Revendo o documentário sobre ela identifiquei indicativos de lugares e de alguns personagens que precisariam ser visitados com a mesma intenção de caminhar em direção ao entendimento da sua história. Nesse sentido realizei uma segunda viagem como forma de ampliar as informações até ali obtidas e conhecer três pessoas que poderiam contribuir com o enriquecimento desta narrativa.

Uma delas, a senhora Clotilde Ribeiro popularmente conhecida como dona Coló, e o senhor Gregório Barbosa Ribeiro conhecido como Gregório escritor. Em depoimento feito no documentário sobre Auta Rosa ambos relatam experiências vivenciadas quando Auta ainda vivia, bem como após sua morte. A terceira pessoa era uma jovem que conheci na visita realizada no dia de finados e que me falou da existência de uma pessoa que recebeu o nome de Auta Maria como reconhecimento da graça alcançada por sua mãe durante um parto difícil.

Novamente a companhia do meu esposo Airton Ferreira Martins foi indispensável fonte de motivação para esse meu caminhar que de outro modo seria um caminhar solitário em uma viagem rumo ao subjetivo e desconhecido que de alguma forma precisaria ser transformado em algo objetivo e concreto. Sua força constante me fez acreditar que isso seria possível. Sua gentileza, paciência e capricho me renderam as fotografias que ilustram algumas passagens do presente trabalho.

Nessa viagem percebi também sensações no meu caminhar em busca de Auta Rosa ainda não vivenciadas. Era um sábado bastante ensolarado, com um calor intenso e baixa umidade quando chegamos a Amarante em busca de mais informações e de outras pessoas que pudessem acrescentar outros elementos à história já conhecida e pesquisada até ali. A partir do documentário sobre a vida de Auta identificamos a existência de dois museus nos quais poderíamos obter algum dado novo; a existência de um devoto ainda vivo que teria alcançado uma graça ao realizar promessa em nome da finada Auta e de uma senhora que teria brincado com Auta Rosa na infância. Mesmo duvidando desta última informação, pelo fato de ter-se passado mais de um século da sua morte, buscamos o que a fonte nos indicou.

Ali chegando encontramos o primeiro dos museus da cidade de portas fechadas. Uma moradora nos indicou o endereço da pessoa que trabalhava ali e que poderia abrir para que a gente realizasse a visita. Uma pequena distância separava o museu da residência daquela pessoa. Foi percorrendo essa pequena distância que novamente me senti próxima de Auta Rosa. Encontramos a casa antiga, como muitas outras, onde uma criança alegremente nos recebeu e a quem solicitei que chamasse uma pessoa adulta com quem pudesse falar.

Enquanto aguardava observei a rua e fui levada por minha memória a uma cena assistida no documentário que relata a história de Auta revisto na noite anterior à viagem. Era a cena do seu cortejo. Auta era levada por dois homens em uma rede apoiada em um pedaço de madeira nas extremidades, até o cemitério, acompanhada de algumas pessoas. Assim teria sido seu último caminho percorrido. A simplicidade da cidade me fez igualmente pensar em como seria a estrutura daquelas ruas no tempo em que Auta viveu, há exatos 157 anos.

Fui trazida de volta pela presença da mãe da criança que gentilmente nos recebeu e nos convidou a entrar para conhecermos sua casa após justificar o motivo do museu se encontrar fechado. Segundo ela já fez algumas tentativas vãs de convencer sua mãe, responsável pelo museu, que apesar de público é também mantido e por ela organizado, a mantê-lo aberto principalmente nos finais de semana, período em que normalmente pessoas buscam informações sobre a cidade, sem muito sucesso.

Em nossa breve conversa informei-lhe sobre os motivos da pesquisa ao que a mesma respondeu de forma simples e alegre: “Que interessante!” Sabe essa casa que fica em frente à nossa é a casa onde Auta Rosa morou até quando foi embora depois que engravidou.

Naquele momento minha reação foi de um deslocamento de mim mesma e do espaço que ocupava. Fiquei por alguns momentos tomada por uma sensação física de estranhamento e que me acompanhou durante todo o dia e que ainda me ocorre ao descrever a visita. Senti-me impactada pelo que aquela informação poderia subjetivamente representar diante do pensamento e da sensação que tive observando a rua enquanto aguardava alguém trazido por aquela criança e que abrisse a porta para nos receber. Ouvir que aquela foi a casa onde Auta Rosa morou e para onde voltou quando adoeceu foi suficiente para organizar aquela informação tão preciosa na minha mente inquieta de pesquisadora eufórica: muito provavelmente o cortejo que conduziu Auta Rosa até o cemitério passou por aquela rua. Posso caracterizar este episódio como a experiência de sentir mais intensa em todo o processo de descobertas sobre Auta Rosa.



Rua das Flores é o endereço da casa (hoje reformada pintada em tinta de cor rosa) onde viveu e morreu Auta Rosa de Amarante

Fonte: Foto da Autora

Passado o primeiro impacto, segui ouvindo a jovem que nos recebeu. Era herdeira da mais antiga farmácia popular do Estado, conhecida como Botica. Segundo ela, a farmácia sempre pertenceu à família do senhor Eleazar Pereira da Cunha, graduado em Farmácia na Faculdade de Medicina da Bahia, autodidata, aprendeu a falar francês para traduzir as bibliografias de estudiosos franceses e, assim, utilizar suas fórmulas no preparo de seus produtos medicinais. Segundo a jovem, de quem obtive todas estas informações, a farmácia foi inaugurada no ano de 1885, e ainda hoje, mais de 130 anos depois, a família a preserva originariamente como parte de uma das grandes riquezas culturais e históricas de Amarante.

Saí daquela casa com as informações registradas em uma página do meu diário de anotações a partir das quais poderia enriquecer a pesquisa ainda em andamento. Aproximei-me então do casarão antigo e simples como muitos outros espalhados pela cidade, situado em frente à farmácia de onde obtive as informações já mencionadas e que me proporcionou um contato com a história de Auta como nenhuma outra. Tentei visualizar o interior daquela que foi um dia a morada de Auta, mas infelizmente, segundo a pessoa que nos atendeu anteriormente na farmácia, está fechada há muito tempo, não é habitada por nenhum familiar e apenas recebe visitas esporádicas de uma das herdeiras que mora na capital.

Na mesma rua, encontramos o Museu do Divino da Dona Dedé, mantido por Marcelino Barroso, seu irmão Edmundo Leal e sua irmã Teresa Leal. Encontrava-se como o primeiro, fechado e não tivemos acesso. Em pesquisa posterior encontrei referência de que o museu recebe esse nome pela devoção secular que se faz ao Divino Espírito Santo em resposta a uma graça atendida pela família quando o seu organizador ainda era criança. A sua mãe teria feito a promessa de manter o acervo e a festa do divino por toda a vida em agradecimento pela recuperação da saúde de um dos filhos que, na infância, adoecia com facilidade e antes de morrer passou a responsabilidade da tradição para os filhos e filhas. De acordo com o site referenciado, a festa do divino caracteriza-se como uma manifestação de religiosidade popular, acontece todos os anos também como parte da cultura local. Inicia-se cinquenta dias antes da páscoa e se encerra no domingo de Pentecostes quando a comunidade local oriunda dos 26 bairros da cidade de Amarante se encontra e em procissão segue até a igreja matriz para celebrar a festa do divino.<sup>66</sup> Percebe-se assim que a cidade de Amarante mantém um histórico de tradição religiosa secular, normalmente originadas ou motivadas por devoção e que as informações

---

<sup>66</sup> A festa do Divino é uma espécie de festejo que se realiza na cidade de Amarante/PI há mais de 60 anos. Durante os três dias são realizadas missas, alvorada, procissão e cortejo como forma de expressão e manifestação de religiosidade popular na comunidade. Informações segundo o site: <<http://180graus.com/amarante/amarante-se-prepara-para-tradicional-festa-do-divino-525353.html>>. Acesso em 24.04.2017



contextualizam ainda o ambiente no qual Auta Rosa viveu e morreu apesar do tempo transcorrido entre sua morte e as práticas religiosas atuais.

Andando mais um pouco, praticamente em frente ao Museu do Divino, encontramos uma residência adaptada e que funciona como outro museu e que preserva um acervo bastante significativo com objetos dos mais diversos tipos organizados a partir de setores específicos. Livros antigos, inclusive um exemplar de “A Finada Alta” do autor Francisco Soares da Costa que narra sua história sob uma ótica diferenciada daquela já conhecida. Suas contribuições constam na primeira parte deste capítulo ao resgatar a história contada a partir das referências disponíveis. Outros livros sobre a história da cidade e da região; antigos objetos de uso doméstico; imagens de santos, dentre os quais encontramos sinais de tolerância e respeito à diversidade religiosa onde dividem o mesmo espaço uma pequena imagem de Auta Rosa de Amarante e imagens e outras divindades como o Orixá africano conhecido por Iemanjá, conforme segue em registro abaixo:



Auta Rosa<sup>67</sup>  
Fonte: Foto da autora.

No depoimento de Dona Coló, apresentado no documentário, ao ser perguntada sobre as circunstâncias da saída de Auta da casa da madrinha Amélia, ela afirma ter sido amiga de Auta Rosa, que sentavam na calçada da casa onde morava, mas que não sabia o que se passava no interior da residência. Imaginei então que fosse possível conhece-la e obter mais alguma informação sobre esse período de vida tão importante da vida de Auta Rosa. A expectativa

---

<sup>67</sup> Foto retirada no acervo de imagens mantidas em um dos museus da cidade de Amarante.

criada não se realizou por completo, uma vez que ao chegar à casa de dona Coló, onde fui muito bem recebida por sua família, na pessoa da sua irmã, a encontrei prostrada em seu leito há mais de cinco anos, sofrendo as sequelas de um acidente vascular cerebral. Perdeu toda a sua capacidade de locomoção, capacidade linguística e de memória que preservou de forma lúcida até completar seu centenário de vida no ano de 2012. Muito bem cuidada pela referida irmã que vivencia uma sororidade intensamente desafiadora e ao mesmo tempo empática. Com essa percepção me despedi de todas as pessoas ali presentes, sem as informações que fui buscar, mas ao mesmo tempo plena ao visualizar tamanha demonstração de carinho e cuidado com alguém que provavelmente perdeu a consciência de sua própria existência. Estava agradecida pela acolhida alegre e espontânea.

O sol já começava a se por. O calor sufocante dera lugar a uma temperatura mais amena quando chegamos à residência do senhor Gregório, onde fomos recebida e recebido com a mesma espontaneidade e atenção da família. Gregório é o senhor que segundo informações teria sido atendido em uma promessa feita a Auta Rosa. Em nossa conversa, tímida, inicialmente, ele nos revelou ser locutor em um programa na Rádio Cultura de Amarante. Define-se poeta e escritor, não de formação, mas por desafio. Ao participar de atividades em um centro de convivência de pessoas idosas, soube que cada membro daquele grupo teria que apresentar um talento, uma habilidade nos encontros dos quais participava. Assim começou a escrever versos.

Tornou-se sanfoneiro aprendendo de ouvido já com seus 80 anos. Ao ser perguntado sobre a possível graça alcançada por ele, contou que na época sentia dores de cabeça muito intensas e que já havia tomado diversos tipos de medicação sem alcançar resultado algum. Foi então que suplicou com muita fé à finada Auta para que o livrasse daquele problema que havia se tornado insuportável. Devido a questões de divergência religiosa entre ele e o restante da família preferiu não dar conhecimento a esta sobre a promessa feita de acender velas no túmulo de Auta caso fosse agraciado com a sua cura.

A partir de então e até hoje se considera curado do mal que lhe acometia. Acredita na intervenção divina de Auta Rosa e permanece cumprindo a promessa feita, revelada à família somente a partir do depoimento feito no documentário.

Encerrada nossa conversa tão agradável ele nos presenteou com um dos seus diversos livretos de poesia intitulado “É a visão do Poeta”, e nos alegrou com alguns acordes da sua sanfona de oito baixos. Igualmente saímos daquela casa certos de ter proporcionado espaço para partilha de saberes e crenças. Saberes que nos colocavam a cada momento mais próximos da vida e devoção de Auta Rosa, lembrada e mantida pela fé e pela crença das pessoas que orgulhosamente contam e recontam sua história e se alegram com cada uma delas. São

lembranças, vivências, partilhas e imagens como as que seguem do senhor Gregório escritor e da senhora Clotilde que fazem valer a pena nos possibilitar a escuta. Foi com essa sensação que seguimos para mais uma busca



A visita seguinte se deu na casa da jovem Auta Maria, cujo nome recebeu de sua mãe em homenagem a Auta Rosa de Amarante. Segundo as informações iniciais, a mãe de Auta Maria teria feito uma promessa durante o parto e o nascimento desta jovem. Ao se encontrar em situação de grande demora no parto a mesma teria feito louvores e preces a à finada Auta para que sua filha tivesse um nascimento tranquilo. Que assim sendo em agradecimento daria a ela o nome de Auta Maria. Tendo sido atendida em seu desejo, cumprira a promessa.

E foi nessa perspectiva e com um grande desejo de conhece-la, de entender e ouvir da mesma o sentido de levar a identidade de uma pessoa que foi tão sofrida mas ao mesmo tempo reconhecida no imaginário popular como santa que nos aproximamos da sua residência. Uma casa aparentemente simples, talvez como fora Auta Rosa, semelhante a muitas outras casas da vizinhança.

Com certo desânimo encontramos novamente portas fechadas e apenas duas vizinhas sentadas em cadeiras dispostas na calçada da casa em frente. Informaram-nos não saber se a mesma estava em casa, e se estivesse provavelmente dormia devido ao barulho de ventilador vindo da janela do seu quarto. Após algumas tentativas, optando por respeitar o seu sono preferimos não perturbar. Através das pessoas que nos deram as primeiras informações, soubemos que a jovem por quem procurávamos trabalhava em um posto de conveniências na entrada da cidade de Amarante, e que se não estava em casa provavelmente ainda estaria no trabalho. Assim sendo partimos em direção a mais um local em busca das informações que buscávamos.

Chegando então ao local de trabalho onde poderíamos encontrar a jovem Auta Maria, fomos informados de que a mesma não havia trabalhado naquele dia devido ao sistema de rodizio do trabalho. Assim sendo nos demos conta que esta seria uma história que permaneceria

no plano de nosso desejo. Já se fazia noite e precisávamos pegar a estrada de volta. Nesse momento encerramos a viagem e a busca pelas informações que procurávamos e retornamos à nossa cidade de origem.

Importante perceber e registrar que a história cultural da cidade de Amarante é ricamente preservada por diversas pessoas e entidades que, segundo informações dadas pelas pessoas que nos atenderam, mesmo sem recursos ou investimentos do governo, mantém suas tradições e sentem grande prazer em mantê-las vivas e de divulgar a quem delas precisa. Foi assim em todos os lugares por onde passamos buscando conhecer a história narrada até o presente momento.

Acolhidas calorosas, convites para um cafezinho, apesar do imenso calor, disposição para falar, bem ao modo de cada um, a respeito de suas histórias e de suas lembranças. Orgulho em partilhar as memórias fossem elas relacionadas ou não ao que buscávamos. Curiosidade em saber a finalidade de tantas perguntas e principalmente pessoas com um calor humano apaixonante, que mais uma vez nos fizeram ver que as mais belas e nobres atitudes estavam automaticamente relacionadas ao estilo de vida simples das pessoas amarantina que nos acolheram da primeira à última visita.

Partindo, pois do exposto, a apresentação de Auta Rosa com sua história de vida, morte e devoção, buscando evidenciar os processos de construção da religiosidade popular em torno dela, o próximo capítulo tem como objetivo conhecer a teologia feminista e a teologia feminista negra para que se tenha condições de estabelecer relações entre objeto de estudo, as categorias que representa e que são discutidas pela Linha de Pesquisa de Gênero, Feminismos e Diversidade.

### **3 TEOLOGIA, RELIGIOSIDADE E FEMINISMO**

O presente capítulo visa contribuir com o entendimento da devoção em torno de Auta Rosa a partir da perspectiva da teologia feminista e da teologia feminista negra. A compreensão de sua origem, seus conceitos, pressupostos e metodologias servirão de luz para iluminar em direção a esse entendimento. Em outras palavras, busca-se compreender como os elementos chave das teologias feminista e feminista negra ajudam a refletir sobre a construção das narrativas sobre Auta Rosa e a devoção criada em torno dela.

Para isso, foi realizado um levantamento bibliográfico de autores e autoras que discutem a temática. Os estudos de André Musskopf, Celi Regina Jardim Pinto, Denise Botelho, Felipe Dunay Lilian Lira, Maristela Moreira Carvalho, Maricel Mena Lopez, Margareth Rago, Tela Gurgel, Silvia Regina Lima Silva, Rosemary Ruether Wanda Deifelt e Tiago de Freitas Lopes iluminarão o entendimento destas relações abrindo caminhos para reconstruções no campo da discussão a respeito das questões de gênero, etnia e religiosidade popular.

#### *3.1- O QUE DIZ A TEOLOGIA FEMINISTA*

Estudar o feminismo configura-se, no meu entendimento, uma experiência edificante e transformadora no sentido de fazer buscar novos modos de perceber a realidade. Esse novo caminhar promove todo um processo de desconstrução de entendimentos e concepções ingênuas, sem, no entanto, perder de vista a necessidade de, a partir dessa tomada de consciência, abrir-se para novas possibilidades de reconstrução das concepções anteriormente vividas e consideradas importantes. Entende-se que isso não significa abandonar a contribuição e a importância que tais vivências tiveram e sim tomá-las como ponto de partida para uma viagem pelo universo do feminismo recontado a partir de sua história, das lutas por ele e com ele enfrentadas pela promoção da igualdade e da justiça de gênero.

De acordo com Deifelt pode-se compreender que a teologia feminista nasce em meados do século XX e tem como pano de fundo o movimento feminista. Enquanto movimento, apresenta questionamentos sobre a urgente necessidade de mudanças no cenário social no que diz respeito aos direitos das mulheres com possibilidade de acesso aos direitos universais. Esses

direitos referem-se ao que se considera exercício pleno de cidadania defendidos por mulheres como Olympe de Gouges, mulher branca, feminista e abolicionista francesa.<sup>68</sup>

Ao buscar a história das origens da teologia feminista percebe-se que é difícil falar de uma sem citar a outra visto que teologia e movimento feminista se imbricam em um movimento quase único. Historicamente a teologia feminista surge em sintonia com o movimento feminista em um cenário mundial de acontecimentos e de figuras importantes como a feminista, ativista social e abolicionista, a americana branca Elizabeth Cady Stanton, autora de “Bíblia da Mulher” e acontecimentos como a fundação da Aliança Internacional Joana D’arc, na Grã-Bretanha.<sup>69</sup>

Outros fatos importantes como a ordenação de mulheres pelas igrejas protestantes e a criação do Conselho Mundial de Igrejas, que discute o reconhecimento, além do acesso ao ministério, a revisão das estruturas simbólicas da igreja e concepções alternativas da própria teologia como reconhecimento das experiências de fé das mulheres.<sup>70</sup>

Nesse sentido, Carvalho citando Taborda refere que o surgimento do movimento feminista nos Estados Unidos, em especial entre as mulheres envolvidas com a causa abolicionista, se evidencia a partir da “Primeira Convenção Americana para os Direitos da Mulher”, realizada, em 1854, na Philadelphia, o que resultou na publicação da *Woman’s Bible* quando foi aventada a possibilidade e a necessidade das mulheres lerem e interpretarem a Bíblia

---

<sup>68</sup> Marie Gouze, feminista francesa nascida em Montauban a 7 de Maio de 1748, liderou um movimento por uma vida mais digna para a mulher durante a Revolução Francesa. De origens na pequena burguesia e apesar de muito inteligente e bonita, teve uma educação muito pobre. Semianalfabeta não sabia ler nem escrever corretamente. Casou-se jovem em 1765, com Luis Aubry de quem teve um filho, Pierre. Enviuvou logo depois e, em 1770, transferiu-se para Paris onde adotou o pseudônimo de Olympe de Gouges que julgava soar mais atraente e aristocrático. Participou ativamente nas atividades revolucionárias (1789) e visitou as sessões de assembleia nacional regularmente. Ela transformou as suas ideias em sugestões para medidas sócio-políticas e tornou-se foco de discussão em Paris. Com a publicação do seu artigo "Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã", causou polémica em França e no estrangeiro uma vez que era um modelo explicitamente feminilizado e provocador da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão de 1789. Como feminista publicou textos sobre os direitos da mulher, afirmando que se elas poderiam ser levadas ao cadafalso, também tinham o direito de subir na tribuna política. Levada ao tribunal revolucionário, acusada de propaganda para reinstalar a monarquia, foi julgada, condenada à morte e guilhotinada a 3 de Novembro de 1793. Disponível em: <<http://estoriadahistoria12.blogspot.com.br/2013/08/mulheres-na-historia-xxxi-olympede.html>>. Acesso em: 19 maio 2017.

<sup>69</sup> Elizabeth Cady Stanton nasceu a 12 de novembro de 1815, em Johnstown, Nova Iorque, filha de um juiz, e morreu a 26 de outubro de 1902.

Aos 15 anos, entrou no Seminário Feminino Troy, em Nova Iorque, uma das primeiras academias para mulheres a proporcionar uma educação avançada, semelhante à então dada aos homens. Casou com um dos reformistas, o jornalista Henry Stanton, em 1840. Nesse mesmo ano, em junho, participou na Convenção Mundial Anti-Escravatura. em Seneca Falls, Nova Iorque, reuniram-se cinco mulheres para discutir os direitos e condições sociais, religiosas e civis das mulheres. A líder, escreveu um manifesto, a Declaração de Sentimentos de Seneca Falls, que incluía uma carta de direitos e requerimentos de igualdade social para as mulheres, nomeadamente o direito ao voto. Apesar da opinião pública não ter aceitado bem esta declaração, rapidamente outras mulheres se juntaram ao movimento e começaram a pedir o direito ao voto.

<sup>70</sup> DEIFELT, Wanda. *Temas e metodologias da teologia feminista*. In: SOTER (org.). *Gênero e teologia*. São Paulo/Belo Horizonte: Paulinas/Loyola/SOTER. 2003. p. 171 a 186.

por si mesmas.<sup>71</sup> Dito de outra forma, e ainda conforme o texto acima, o movimento feminista pode também ser entendido dentro de uma organização de fases ou ondas do feminismo

De acordo com Pinto, o movimento feminista tem como característica bastante peculiar produzir sua própria reflexão teórica o que a mesma chamou de coincidência rara entre militância e teoria. Tal compreensão destaca os movimentos de ação feminista por mulheres caracteristicamente elitizadas, com formação principalmente nas áreas do conhecimento de Humanidades, da Crítica Literária e da Psicanálise de onde provem posteriormente as primeiras produções teóricas feministas de história dos movimentos sociais e nas próprias teorias das Ciências Humanas.<sup>72</sup>

O primeiro e mais extenso período identificado no processo histórico de desenvolvimento do feminismo vai de 1840 a 1920. Nesse período destaca-se a luta pela liberdade e a igualdade de direitos entre homens e mulheres, a luta contra os casamentos arranjados, direitos sexuais, reprodutivos, e civis, a exemplo do direito ao voto que se consolidou por volta de 1919. A exemplo de países da Europa, o Brasil também iniciou sua luta pelos direitos das mulheres com o movimento das sufragistas lideradas pela ativista Bertha Lutz, fundadora do movimento Federação Brasileira pelo Progresso Feminino que muito contribuiu com a aprovação da lei que reconhecia o direito de votar para as mulheres, já no final do período e início da chamada segunda onda.<sup>73</sup>

Depois de um período de três décadas de estagnação entre a primeira e a segunda onda do movimento, ocorreram outras conquistas igualmente importantes no que se refere à luta pela igualdade de direitos das mulheres. Conforme Carvalho, o segundo período ocorreu na década seguinte, no ano de 1950, e trouxe como pontos de conquista a reflexão teológica no movimento feminista sobre a ordenação das mulheres. De acordo com Pinto nesse período foi lançado o

---

<sup>71</sup> WOMAN BIBLE, Com relação à Bíblia das Mulheres. Maria José Rosado Nunes citada por Carvalho, indica que esta foi uma obra coletiva, elaborada por um comitê do qual participaram trinta mulheres, especialistas de várias áreas, provenientes da Europa e dos Estados Unidos. Ela foi o resultado de uma releitura de textos bíblicos que citavam as mulheres ou mesmo daqueles que as excluíam. Conforme Rosado Nunes, um evento, ocorrido em 1870, teria feito com que amadurecesse a ideia de Stanton a respeito de uma releitura da Bíblia na perspectiva das mulheres. No referido ano, a Igreja da Inglaterra, não satisfeita com a Versão Autorizada da Bíblia, publicada em 1611, constituiu dois grupos de especialistas para preparar uma revisão desta versão. Contudo, nenhuma mulher foi convidada a integrar a equipe de revisores, tanto na Inglaterra quanto nos Estados Unidos. Ainda de acordo com esta autora, para Cady Stanton, a interpretação da Bíblia era um “ato político” e, na introdução da obra por ela organizada, embora não deixe de reconhecer a validade de muitos de seus princípios éticos e religiosos, afirma que este livro não poderia ser considerado neutro, mas sim uma “arma política” contra a luta de libertação das mulheres, e isso se devia às marcas que a Bíblia carrega, marcas estas impressas pelos homens que a escreveram. Disponível em: <<http://navegarepreciso./2012/03/mary-wollstonecraft-revolucionaria.html>>. Acesso em: 21 de maio 2017.

<sup>72</sup> PINTO, Celi Regina Jardim. *Feminismo, história e poder*. Revista de sociologia e política. Ano18. Nº 36: 15-23. 2010.

<sup>73</sup> PINTO, 2010, p. 16.

livro “O Segundo Sexo” da filósofa e escritora branca, Simone de Beauvoir, a partir do qual a autora estabelece uma das máximas do feminismo. De acordo com Beauvoir:

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino. Somente a mediação de outrem pode constituir um indivíduo como um Outro. Enquanto existe para si, a criança não pode apreender-se como sexualmente diferenciada do mundo: é através dos olhos, das mãos e não das partes sexuais que apreendem o universo.<sup>74</sup>

Este livro causou sérias polêmicas e discussões. Nesse sentido, compreende-se que a luta das mulheres pelo direito à diversidade estava apenas iniciando e percorreria séculos adiante, uma vez que, a afirmativa que propõe a compreensão do ser mulher além do sexo com o qual nasce, ainda hoje, mais de meio século depois, continua gerando polêmicas, conflitos e desdobramentos distorcidos do que o termo e a própria afirmativa sugere. Isso mostra que, apesar dos avanços no que se refere à discussão e às conquistas pelos direitos das mulheres, a história dos feminismos como a história de outros segmentos, em algum momento retrocede na maneira de compreender o que se propõe a estudar.

Igualmente importante ocorreu ainda na década de 1970 nos Estados Unidos e na Europa, ainda dentro da segunda onda, o lançamento da pílula anticoncepcional. No Brasil, dentro do movimento feminista, o movimento das operárias de ideologia anarquista, reunidas na “União das Costureiras, Chapeleiras e Classes Anexas”, dentre outras coisas denunciava a situação das mulheres nas fábricas e oficinas onde trabalhavam.<sup>75</sup>

Enquanto terceira fase, anos 1960 e 1970, Carvalho caracteriza o movimento feminista como período de surgimento da teologia feminista ou neofeminismo, basicamente pelo surgimento de outras teologias como a teologia de libertação, teologia negra, teologia latino-americana e sul-africana. De acordo com a autora, faz parte ainda deste período o acontecimento marcante do lançamento do livro “The church and second sex”, da autora feminista branca, lésbica Mary Daly, inspirada no livro de Simone de Beauvoir, “The second sex”.<sup>76</sup>

No Brasil, este período coincide historicamente com o período da ditadura militar que, por meio do Ato Institucional 5, tornava o Presidente do País um ditador. Foi um momento de grande repressão, da luta política legal que obrigou os grupos de esquerda a irem para a

<sup>74</sup> *O Segundo Sexo*. Volume 2. São Paulo: Difusão Europeia do Livro. 1967. 2ª edição. p. 9-10. Disponível em <<http://beauvoiriana.tumblr.com/post/99528808887/ningu%C3%A9m-nasce-mulher-torna-se-mulher-nenhum>>. Acesso em: 19 maio 2017.

<sup>75</sup> PINTO, 2010, p. 16.

<sup>76</sup> CARVALHO, Maristela Moreira. *Teologia(s) Feministas(s) e Movimentos(s) Feminista(s) na América Latina e no Brasil*: “origens” e memória. Os feminismos latino-americanos e suas múltiplas temporalidades no século XX - ST 40.



clandestinidade e para a guerrilha. Foi neste cenário de horror que aconteceram as primeiras manifestações feministas no Brasil na década de 1970. O movimento feminista no Brasil teve, em 1984, como uma de suas maiores conquistas a criação do Conselho Nacional da Condição da Mulher (CNDM), e como consequência deste a garantia de direitos na Constituição Federal de 1988 e, posteriormente, a criação da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, com status de ministério e a recriação do conselho semelhante ao original. Nas últimas décadas do século XX, a criação das Delegacias Especiais da Mulher e a Lei Maria da Penha são consideradas mecanismos que visam coibir a violência contra as mulheres. Essas questões se configuraram, também, apesar das fragilidades, como conquistas das mulheres na luta por seus direitos.<sup>77</sup>

Segundo Rago citada em Alves o Brasil se tornou conhecido, dentre outras dimensões, por possuir um dos movimentos feministas mais importantes da atualidade. Avaliações como as de Margareth Rago demonstram a importância, a extensão e, ao mesmo tempo, a responsabilidade que o movimento feminista alcançou no Brasil. Conforme a autora, em seu artigo intitulado “As mulheres na historiografia brasileira”, tanto as mulheres quanto as suas publicações só ganharam visibilidade a partir de outras.<sup>78</sup>

Entende-se que as produções da época além de denunciar a emergência do movimento feminista, traziam consigo reflexões que levaram as pessoas a olhar a partir de outra perspectiva para as mulheres, até então consideradas e vistas apenas dentro de uma concepção limitada a determinados espaços e contextos tanto público quanto privado, definidos conforme a lógica e a necessidade masculina e patriarcal. Segundo Rago, as obras publicadas por mulheres a exemplo de Maria Clementina P. Cunha,<sup>79</sup> Magali Angel<sup>80</sup> sobre a prostituição e o discurso médico, Martha de Abreu Esteves<sup>81</sup> sobre os casos de Meninas perdidas do Rio de Janeiro, Laura de Melo e Sousa<sup>82</sup> apresentando as feiticeiras em “o Diabo e as terras de Santa Cruz”, dentre tantos outros registram:

...uma forte preocupação em resgatar a presença de mulheres pobres e marginalizadas, trabalhadoras ou não, como agentes da transformação, em mostrar como foram capazes de questionar, na prática, as inúmeras mitologias misóginas elaboradas pelos homens de ciência para justificar sua inferioridade intelectual,

<sup>77</sup> PINTO, 2010, p. 17.

<sup>78</sup> RAGO, Margareth. *As mulheres na historiografia brasileira*. Publicação original: SILVA, Zélia Lopes (Org.). *Cultura Histórica em Debate*. São Paulo: UNESP, 1995.

<sup>79</sup> CUNHA, M. C. P. *O espelho do mundo*. Juquery, a história de um asilo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

<sup>80</sup> ENGEL, M. *Meretrizes e doutores: O saber médico e prostituição no Rio de Janeiro*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

<sup>81</sup> ESTEVES, M. de A. *Meninas Perdidas: Os populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro de Belle Époque*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1098.

<sup>82</sup> MELO e SOUZA, L. de. *O diabo e a Terra de Santa Cruz*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

mental e física em relação aos homens e sua exclusão da esfera dos negócios e da política. Além disso, estes estudos estiveram voltados para fazer emergir um universo feminino próprio, diferente, mas não inferior, do mundo masculino e regido por outra lógica e racionalidade. Todas estas historiadoras revelam uma aguda percepção do feminino e trazem enorme contribuição para a desconstrução das imagens tradicionais das mulheres como passivas e incapazes de vida racional e de decisões de peso.<sup>83</sup>

Ainda no Brasil, as resistências geradas pelo regime opressor implantado pelos militares cresceram. Com o nascimento dessa cultura de resistências, surgiram vários grupos em diversos setores sociais como: cantores, artistas, políticos, hippies, que foram decisivos para o enfraquecimento militar e o fortalecimento da sociedade civil brasileira. Nesse conjunto de movimentos de resistência tem destaque o movimento feminista brasileiro, com grande fortalecimento e passando a ter definições mais claras, se unindo contra o modelo ditatorial e opressor implantado no Brasil.<sup>84</sup>

Transitando entre o movimento feminista e a discussão específica sobre a teologia feminista, de acordo com Deifelt, o mesmo movimento de efetivação desta se deu na América Latina a partir do Encontro Regional das Teólogas da Associação Ecumênica de Teólogos e teólogas do Terceiro Mundo, onde o termo Teologia Feminista da libertação foi adotado oficialmente. Anteriormente outros termos e expressões foram utilizados para referir-se a essas construções, como teologia da mulher ou teologia na ótica da mulher. Assim se definindo, o movimento assumiu o gênero como categoria de análise questionando-se concepções vigentes e tentando compreender a existência humana a partir de uma perspectiva que responda de modo mais digno aos anseios desta categoria.<sup>85</sup>

A autora segue afirmando que a teologia feminista utiliza a teoria das relações de gênero para fundamentar as discussões que propõe, dentre elas a análise da construção e a necessidade de desconstrução e de reconstrução dos papéis sociais atribuídos a homens e mulheres. Assim sendo, a teologia feminista em suas propostas aponta para a necessidade de desconstrução das polaridades e dualismos, a partir dos quais sempre existiu um universo feminino no qual são atribuídas tarefas conforme suas principais características relacionadas ao sensível, o afetivo, a ternura, a maternidade; em contraponto desde muito tempo uma natureza masculina que lhe aferem características relacionadas ao pensamento lógico, à ciência, à política, dentre outras construções. Tais relações, conforme a autora, são desiguais e emperram a compreensão do ser em sua totalidade e são justificadas muitas vezes por explicações

---

<sup>83</sup> RAGO, 2013, p. 83.

<sup>84</sup> PINTO, 2010, p. 18.

<sup>85</sup> DEIFELT, 2003, p. 172.

inaceitáveis, machistas e repletas de misticismo, fundamentadas ainda por uma compreensão androcêntrica de tradições, definições e normatizações.<sup>86</sup>

Ainda nesse sentido a teologia feminista apresenta como proposta a necessidade de reconstrução de concepções distorcidas a partir da crítica e da discussão sobre o mau uso feito da Bíblia para criar e justificar situações geradoras de opressão, de desvalorização que distorcem a imagem e diminuem a dignidade de inúmeros grupos sociais, inclusive as mulheres. Isso permite um processo de reflexão e ação onde as experiências de vida humana e de fé possam ser analisadas e reescritas em uma perspectiva de fato libertadora e que conduzam à superação dos condicionamentos que obstaculizam a criação desta nova realidade.<sup>87</sup>

Nesta nova realidade torna-se imprescindível, até mesmo como condição para sua existência, a valorização das experiências de vida e de fé das mulheres seja no contexto das igrejas, seja no dimensionamento de suas vivências pessoais, sua inserção nas experiências políticas, culturais ou teológicas. Isto fica claro quando a autora leva a entender que a compreensão que as pessoas têm de Deus relaciona-se diretamente com a percepção que têm de si mesmas e do mundo no qual estão inseridas.

Neste sentido, a teologia feminista questiona formulações de cunho androcêntrico, racista e neutro, não aceitando explicações ou conceitos que considera universais buscando assim explicações plurais. Defende, por exemplo, as experiências das mulheres como um critério de discernimento e de avaliação onde o ser masculino não continue a ser visto como a norma que representa todas as coisas, pois as experiências de vida e fé das mulheres também existem e precisam ser valorizadas.<sup>88</sup>

Considerando deste modo, as experiências das mulheres se relacionam a eventos desde os mais pessoais e íntimos até aqueles mais subjetivos e divinos, desde os aspectos biológicos até os psicológicos, sociológicos, antropológicos e religiosos/eclesiásticos. Assim, conforme entendimento a partir da autora, ao se falar em experiências de vida e de fé fala-se implícita e explicitamente de redefinição de papéis sociais, sejam eles masculinos ou femininos, no campo do trabalho, da construção do conhecimento, da afetividade, da família, da sexualidade e abrem espaço para um novo campo de análise que representa a masculinidade. Masculinidade esta que também precisa ser revisitada em seus conceitos.

De acordo com Ruether o princípio crítico da teologia feminista é a promoção da humanidade plena das mulheres, entendendo que tudo que nega, diminui ou distorce essa

---

<sup>86</sup> DEIFELT, 2003, p. 172.

<sup>87</sup> DEIFELT, 2003, p. 173.

<sup>88</sup> DEIFELT, 2003, p. 175.

humanidade é, por conseguinte, avaliado como não redentor. E tudo aquilo que contrariamente promove esta humanidade plena reflete a verdadeira relação com o divino, com a natureza das coisas, com a missão redentora de uma comunidade.<sup>89</sup>

Seguindo a mesma linha de pensamento, a teologia feminista, de acordo com Musskopf, é compreendida como uma corrente dentro da tradição bíblico-cristã que busca exercer um papel crítico na igreja e na sociedade. Nesse sentido, é uma teologia crítica que surge a partir de uma experiência de contradição. Segundo o autor, o objetivo de uma teologia que se considera crítica é duplo. Por um lado, trata de evidenciar os aspectos que geram as contradições e, por outro, busca alternativas de interpretação teológica que sejam consistentes e que permitam superá-las.<sup>90</sup>

A partir desse conceito é possível pensar com o autor que se faz necessário considerar enquanto caminho da Teologia Feminista a luta pela superação de todas as situações de opressão, discriminação e exclusão social, a partir do coletivo e do cotidiano, lugar no qual a teologia se aproxima e se correlaciona com o movimento feminista.

Assim pensando, a teologia feminista precisa ir além de proporcionar as ferramentas que despertam o questionamento e a suspeita. Faz-se necessário oferecer o suporte necessário para que as pessoas possam construir outras referências que possam substituir ou ocupar o espaço deixado pelas concepções, experiências e interpretações unilaterais e plenas de uma verdade pronta e acabada.

Ainda em Ruether, ao discutir a tradição histórica para a Teologia Feminista, a autora questiona a existência de uma teologia feminista final e definitiva, afirmando que nenhuma síntese, por mais abrangente que seja seu alcance histórico, é capaz de abranger toda a experiência da humana e isso resulta em que, “uma teologia feminista” representa apenas uma tradição histórica particular e que ao operar dentro de uma tradição:

Muitas outras tradições não são consideradas: asiática, africana, hindu, budista, etc. Uma budista, asiática... oriundas desses backgrounds reuniriam uma síntese cultural diferente... Isto não é uma falha, é simplesmente o reconhecimento necessário da particularidade e dos limites históricos e metodológicos. Busco um paradigma de trabalho, da situação humana, extraído de uma amostra suficientemente ampla de experiência que possa estimular o diálogo e levar a uma outra síntese ulterior. Outras teólogas feministas precisam criar outros paradigmas e fazer sínteses diferentes de várias tradições culturais-religiosas.<sup>91</sup>

---

<sup>89</sup> RUETHER, Rosemary Radford. *Sexismo e religião: rumo a uma teologia feminista*. {Tradução Walter Altmann, Luis Marcos Sander}. São Leopoldo/RS: Sinodal, 1993. p. 23.

<sup>90</sup> MUSSKOPF, André S. *Teologia Feminista e de Gênero na Faculdades Est*: a construção de uma área do conhecimento; São Leopoldo. CEBI. 2014. p. 23.

<sup>91</sup> RUETHER, 1993, p. 25.

Olhar a história do movimento feminista no Brasil e no mundo permite ver como as lutas iniciais, muitas vezes caracterizadas como radicais, foram necessárias para que com o passar dos anos se conseguisse assegurar ou pelo menos continuar na luta pela igualdade de direitos, coisa antes sequer sonhada pelas mulheres. Importante valorizar e destacar a importância do feminismo radical nesse sentido.

Compreende-se que a partir das reflexões propostas neste capítulo a existência de uma relação direta e indissociável entre os movimentos promovidos pelas mulheres na luta por seus direitos civis fundamentais para a promoção de sua cidadania e o surgimento da teologia feminista, advinda da organização e sistematização das reflexões feitas pelo movimento feminista. Entende-se ainda que a teologia feminista nasce a partir da necessidade das mulheres de buscar, em um contexto absolutamente machista discutir questões importantes para o alcance de uma nova condição social e política. A busca pelo alcance da humanidade plena das mulheres, inclusive pelo direito de compreender e interpretar as escrituras a partir de um outro olhar. Essa conquista abriu caminhos para outras perspectivas acerca das possibilidades da ocupação de espaços eminentemente ocupados por homens a exemplo das representatividades dentro dos movimentos religiosos, igrejas e templos. Tudo isso traz ainda outra reflexão importante que está relacionada vivência na fé e na crença em um deus que é pai e que ao mesmo tempo acolhe mulher em sua divindade. Tudo isso amplia a compreensão a respeito da relação existente entre o movimento feminista e a teologia feminista.

### *3.2- O QUE DIZ A TEOLOGIA FEMINISTA NEGRA*

A descrição inicial do movimento feminista faz pensar o universo das mulheres de uma perspectiva diferenciada no que se refere ao modo de percebê-las enquanto pessoas que existe independente da forma como social e hierarquicamente são programadas para existir. A história mostra que antes de pensar um movimento feminista, a existência de mulheres estava atrelada a uma condição social permitida ou concedida por alguém, normalmente uma figura masculina, nunca uma condição conquistada.

A ousadia das mulheres na história de pensar, contestar, questionar e se indignar com aquela condição denunciada pelos movimentos sociais, entre eles o movimento feminista, levou ao que hoje se conhece como feminismo e também o que se conhece sobre a teologia feminista. Isso porque se permitiram ser capazes. Capazes de transformar o que lhes era imposto secularmente através de uma educação familiar patriarcal rígida, de uma educação religiosa

dogmática e de uma forma de pensar o conhecimento como privilégio dos homens. Tudo isso fez mudar a condição de vida e de existência das mulheres, hoje empoderadas e em constante processo de luta, conquista e ocupação dos mais diversos espaços de poder.

No entanto sabe-se que os movimentos feministas e a teologia feminista não deram conta de algumas demandas mais específicas. Mesmo ocupando espaços algumas mulheres não se viam representadas em suas necessidades e formas de pensar o mundo. Assim novos espaços de discussão, de pensamento e de organização de ideias e concepções fizeram surgir outras teologias. E o exercício do pensar mantém a busca pelo entendimento sobre o porquê ou mesmo sobre quais os elementos presentes nas diversas teologias que as diferenciam entre si e acabam por caracterizá-las enquanto teologia feminista negra, teologia de libertação, teologia latino-americana, dentre outras.

Questionamentos específicos sobre a teologia feminista negra conduzirão as discussões a seguir como forma de encontrar nesta, uma possível relação com Auta Rosa de Amarante que em sua existência, vida, morte e devoção, poderiam representar tudo aquilo que inquietou as mulheres negras ao reivindicarem para si uma forma de pensar e de entendimento próprios. Pensar Auta Rosa como mulher, negra, escravizada, pobre, socialmente excluída em vida e depois de sua morte, acende uma luz sobre os elementos que contribuíram para que a teologia feminista negra fosse conceituada, historicizada e caracterizada a partir de demandas específicas. Sua trajetória leva ao conceito de interseccionalidade<sup>92</sup> através do qual também se torna possível compreender um pouco mais sobre tudo isso. De acordo com Kimberlé Williams Crenshaw interseccionalidade é:

Um conceito sociológico que estuda as interações nas vidas das minorias, entre diversas estruturas de poder. ...a consequência de diferentes formas de dominação ou de discriminação que trata das interseções entre estes diversos fenômenos. São ainda “formas de capturar as consequências da interação entre duas ou mais formas de subordinação: sexismo, racismo, patriarcalismo.”... Interseccionalidade tenta estudar não só o fato de ser mulher, estuda ao mesmo tempo o fato de ser negra, ser LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgênero).<sup>93</sup>

De acordo com Lira, ao citar Gebara, “não se pode ser feminista ignorando a pertença religiosa das mulheres, e assim é urgente a análise das relações que se dão entre religião, gênero, violência doméstica e etnicidade”. Nesse sentido a autora fala da proposição de ações educativas importantes para a superação dessa situação não isolada de toda uma luta para

---

<sup>92</sup> Mencionado anteriormente, no contexto pretende se referir ao processo de intersecção de categorias que terminam por somar estereótipos e contribuir para uma visão dicotômica entre opostos.

<sup>93</sup> O conceito de Interseccionalidade. Disponível em: <<http://www.sociologia.com.br/o-conceito-de-interseccionalidade/>>. Acesso em: 23 maio 2017.

transformar a sociedade que gera violência.<sup>94</sup> Compreende-se a partir do entendimento da autora que a teologia feminista negra precisa chegar a realidades diversas. No contexto deste trabalho, contribuir com o entendimento da relação entre a religiosidade popular criada em torno de Auta Rosa como forma de superação da violência sofrida por ela. Ao mesmo tempo como meio de criar estratégias de ação e de combate à discriminação tendo como ponto de partida a própria Auta Rosa, sua história de vida, resistência e luta como instrumento de reflexão, de modo que a mesma possa, além de representar a ligação entre o material e o sagrado, contribuir também para a construção de novos paradigmas.

No encontro da Rede de Mulheres Negras do Pernambuco,<sup>95</sup> realizado em abril de 2017, Denise Botelho, discutiu o conceito de interseccionalidade levando a refletir sobre o protagonismo das mulheres negras como estratégia de reconhecimento e valorização do ser mulher negra em uma sociedade eminentemente masculina, machista e branca. Em sua exposição fez compreender que a interseccionalidade e o protagonismo precisam ser entendidos como o resultado de um processo de olhar para si e perceber-se com suas identidades étnica, sexual ou religiosa. Entender que o feminismo negro tem a ver com a luta antirracista e a defesa dos princípios de equidade étnico raciais; com a luta de mulheres que abriram mão de sua alforria para libertar tantas outras de seus grilhões na história e que hoje precisam ver as correntes que ainda prendem e escravizam e contribuir com a superação de outras formas de escravidão; que o feminismo negro necessita elaborar estratégias que permitam às mulheres negras a ocupação de espaços de poder, até mesmo a partir de alianças com outras mulheres brancas parceiras não subordinadas que possam abrir caminhos onde normalmente a mulher negra ainda encontra obstáculos, pois ao buscar alianças se está também levando o saber, a luta, a consciência enquanto movimento organizado e articulado em luta pelos direitos da coletividade.

De acordo com James Cone, citado por Dunaway em seu artigo “A Teologia Negra”, uma introdução, a teologia negra pode ser caracterizada como um movimento de resistência à dominação dos brancos sobre os negros norte-americanos. Segundo Cone, ela se baseia na Bíblia e nas características singulares da experiência dos negros norte-americanos, podendo ser classificada como um tipo de teologia de libertação, pois ela se preocupa basicamente com a

---

<sup>94</sup> LIRA, Lilian Conceição da Silva Pessoa. *Elementos teopedagógicos afrocentrados para superação da violência de gênero contra as mulheres negras: diálogo com a comunidade-terreiro ilé àşę yemojá omi olodò e “o acolhimento que alimenta a ancestralidade”*. Orientador Roberto Ervino Zwetsch, co-orientador Andre Sidney Musskopf. – São Leopoldo: EST/PPG, 2014. p. 21.

<sup>95</sup> Encontro da Rede de Mulheres Negras do Pernambuco realizada em Recife. Palestrante: Denise Botelho. Abril de 2017.

libertação de um grupo de oprimidos. Contudo, ela se distingue da teologia da libertação latino-americana e da teologia feminista ao evitar o uso da análise social-econômica marxista e ao concentrar-se na libertação de uma raça oprimida ao invés de uma classe social-econômica ou de um grupo oprimido por causa de seu sexo. Entretanto, os líderes da teologia negra norte-americana têm mantido um diálogo com os líderes da teologia da libertação latino-americana e asiática, da teologia feminista e da teologia Africana, especialmente na África do Sul.<sup>96</sup>

Depreende-se das considerações acima que apesar das semelhanças existentes entre as diferentes formas de teologização – teologia feminista, teologia da libertação, teologia latino-americana, teologia negra, etc. – como forma de buscar caminhos que levem a uma melhor compreensão sobre a própria existência e, conseqüentemente, como forma de alcançar a libertação de modos específicos de subordinação, existem peculiaridades que vêm a diferenciar as categorias. No entanto, chegar a esta conclusão não responde aos questionamentos anteriormente propostos, apenas os reafirmam. Se se compreende que a teologia feminista não dá conta de atender aos anseios e demandas das mulheres negras, é porque aquela talvez não tenha sido pensada em um coletivo de inclusão de outras mulheres igualmente discriminadas, mas principalmente oprimidas pelo simples fato de serem negras, apesar da afirmativa do autor a respeito do diálogo existente entre as diferentes teologias.

O autor segue fornecendo um contexto histórico a partir da escravização dos negros africanos como justificativa para a necessidade de teorização em torno de uma teologia negra. Reporta-se ao período de duzentos anos de escravidão racista ocorridos entre os anos de 1600 e 1865 e aos cem anos de racismo institucionalizado, entre os anos de 1860 a 1960.<sup>97</sup>

O primeiro período histórico caracteriza o contexto do tráfico de escravos negros que, segundo o autor, não aconteceu como necessidade principal, mas como possibilidade a ser explorada, a partir do momento em que os portugueses na busca por riquezas como o ouro, encontraram na escravização do negro, oportunidade de mão-de-obra barata para manterem suas propriedades produtivas e enriquecerem à custa do trabalho escravo. Isso aconteceu também em países da América do Norte, a exemplo dos Estados Unidos, e na América do Sul em países como o Brasil e o Caribe. Também neste período o autor ressalta as diferentes condições para e do processo de abolição da escravatura, que o Brasil foi um dos últimos a atender.<sup>98</sup>

---

<sup>96</sup> CONE, James. *O Deus dos oprimidos* in DUNAWAY, Felipe. *A Teologia Negra: Uma introdução*, Faculdade Teológica Batista de São Paulo. Disponível em: <[www2.teologica.br/webportal/home/images/stories/enade/teologia\\_negra.pdf](http://www2.teologica.br/webportal/home/images/stories/enade/teologia_negra.pdf)>. Acesso em: 24 fev. 2017.

<sup>97</sup> CONE, James in DUNAWAY, Felipe. p. 02.

<sup>98</sup> CONE, James in DUNAWAY, Felipe. p. 02.



O contexto do racismo institucionalizado, como pano de fundo para o surgimento da teologia negra, refere-se ao período em que, apesar da sua emancipação individual, as pessoas negras eram obrigadas a frequentar espaços criados especificamente para as suas necessidades, uma vez que a superioridade do branco impedia que aqueles frequentassem as mesmas instituições que eles. E quando dividiam o mesmo espaço existiam lugares reservados para negros e brancos. Racismo institucionalizado segundo Dunaway:

Se refere ao fato de que as políticas e regulamentos das comunidades, escolas, igrejas, empresas e outras organizações restringem as oportunidades dos membros dos grupos discriminados na sociedade em questão.<sup>99</sup>

Na prática, entende-se que isso significa que por cem anos os/as negros/as deveriam estudar em escolas separadas, cultuar em igrejas distintas, não frequentar os mesmos clubes ou restaurante. Igualmente não poderiam morar no mesmo bairro, usar o mesmo banheiro, andar no mesmo ônibus que as pessoas brancas. Que nos transportes haviam os espaços reservados para pessoas negras e pessoas brancas, onde as pessoas negras deveriam permanecer de pé mesmo que bancos reservados para os/as brancos/as tivessem vazios.

Nesse contexto registra-se na luta ativista contra o racismo, que trazia a ideia de que alguém seja superior ao outro devido a características que possua e que sejam consideradas superiores baseado na construção social que se faz sobre ela, destacou-se a americana negra Rosa Parks que, em 1955, recusou-se a ceder lugar a um homem branco dentro de um ônibus quando retornava do seu trabalho. Um protesto silencioso de uma mulher negra, costureira, que entrou para a história ao não atender à ordem do motorista do ônibus de ceder seu lugar para um homem branco. Tal recusa rendeu-lhe detenção e multa, bem como outras “sanções” a exemplo de perder o emprego, mudar-se de cidade porque não encontrava mais oportunidade de trabalho e ameaças de morte. Ao mesmo tempo fez com que a mesma entrasse para a história do movimento negro pela luta contra a institucionalização do racismo, juntamente com Martin Luther King Jr. Seu ato levou a um boicote em massa dos negros ao transporte público do estado e ao fim da segregação nos transportes públicos que culminou em 1964, com a Lei dos Direitos Civis, que transformou a segregação racial em um ato fora da lei nos Estados Unidos.<sup>100</sup>

Outro fato ocorrido na década de 1960 e apenas recentemente divulgado, já passados quase 60 anos, foi o reconhecimento na história, retratado pelo cinema norte americano, evidenciando a importância de outras mulheres negras que, mesmo vitimadas pelo racismo

<sup>99</sup> CONE, James in DUNAWAY, Felipe. p. 03.

<sup>100</sup> Rosa Parks. *Morre ativista feminista negra*. Disponível em: <<http://www.historianet.com.br/conteudo/default.aspx?codigo=776>>. Acesso em: 21 maio 2017.

institucionalizado nos anos sessenta, lutaram contra o sistema de exclusão da mulher no contexto também educacional e científico nos Estados Unidos. **Katherine Johnson, Dorothy Vaughan** e **Mary Jackson** foram as três mulheres que romperam a barreira do preconceito ao contribuírem com o projeto dos norte-americanos e da NASA de levar o ser humano à lua durante a guerra fria na corrida espacial travada entre Estados Unidos e Rússia. Dentre elas a mulher negra Katherine Johnson percorria a distância de quase dois quilômetros para poder fazer uso do banheiro destinado a pessoas negras.<sup>101</sup>

Percebe-se que, apesar do tempo transcorrido, as questões representadas na produção do filme, são ainda muito atuais. São questões como poder olhar a discriminação e o racismo de diferentes formas discutindo as barreiras que impedem as mulheres negras de seguirem uma profissão eminentemente masculina e branca; de terem o reconhecimento do seu trabalho a partir de um salário justo ou simplesmente conseguir ser tratada com dignidade nos espaços tem o direito de frequentar como o espaço acadêmico por exemplo.

A luta contra a discriminação racial pelo simples fato de ser mulher é um dos fazeres da teologia feminista. No entanto, a luta contra a discriminação por ser mulher e negra, a partir das experiências do cotidiano, é um fazer da teologia feminista negra. Ou seja, por não estar em seu lugar de fala e de sentir o movimento da mulher através da teologia feminista, não teriam como falar da experiência do cotidiano das mulheres negras. Entende-se, pois, que não teria como a teologia feminista dar conta de uma discussão e de uma reflexão que não faziam parte do cotidiano das mulheres que estavam à sua frente, mulheres brancas, advindas da classe burguesa, do meio acadêmico e científico com uma condição étnica, econômica e social diferenciadas.

Aos poucos, foi possível se dar conta de que a teologia feminista, ao caracterizar-se pela luta a favor da igualdade de direitos das mulheres em relação aos homens e aos seus direitos políticos e civis, dentre outros, ainda estaria há anos luz de distância do que significava para a mulher negra tamanha discriminação.

Dentre os elementos que contribuíram com o processo de emergência de uma teologia negra feminista existem outras peculiaridades. De acordo com Cone, citado em Dunaway existiram três elementos essenciais para isso. O primeiro deles foi o movimento dos direitos civis surgido das ruas, liderado pelo ativista negro Martin Luther King Jr; o segundo foi a publicação do livro de Joseph Washington *Black Religion* que serviu de base para o movimento negro criar a teologia negra como resposta à ideia equivocada de que a religião negra não era

---

<sup>101</sup> Estrelas Além do Tempo. Disponível em: <<http://www.b9.com.br/70679/cultura/estrelas-alem-do-tempo-e-uma-historia-leve-e-real-sobre-superacao-de-preconceitos/>>. Acesso em: 21 maio 2017.

cristã e sendo assim não teológica e que o Evangelho cristão nada teria a ver com lutas por justiça social. E o terceiro elemento foi o nascimento do movimento Black Power ou Poder Negro, devido à insatisfação com os desdobramentos do movimento pelos direitos civis e da postura pacífica de King. Ao optar pelo confronto os ativistas negros conseguiram alcançar o controle político e econômico de suas próprias comunidades e estabelecer seus valores, reestabelecendo também à autoestima, a começar pela valorização da sua beleza.<sup>102</sup>

Ainda no que se refere à importância histórico-teológica do movimento Poder Negro, é preciso ressaltar que a partir dele houve a primeira manifestação de apoio ao movimento através do Comitê Nacional do Clero Negro, sob a liderança do reverendo Benjamin F. Payton, que segundo Dunaway, denunciou o racismo branco como o anticristo e foi inexorável no seu ataque contra a presença demoníaca nas dominações eclesiásticas brancas, surgindo a partir daí a expressão teologia negra.<sup>103</sup>

Entende-se a partir da compreensão acima que o apoio do comitê ao movimento tenha representado uma força e tenha contribuído com o início das discussões que buscavam respostas aos grandes questionamentos feitos por homens negros e mulheres negras, acerca, por exemplo, de qual seria seu espaço nas leituras bíblicas que faziam, mediadas por uma compreensão do homem branco e que pareciam tão distantes da realidade do povo negro.

Contemporaneamente outras teólogas feministas negras igualmente discutem a necessidade e a urgência de uma teologia que represente as necessidades e demandas das mulheres negras. Nesse sentido, Maricel Mena Lopes, em artigo “Raízes afro-asiáticas do mundo bíblico - Desafios para a exegese e a hermenêutica latino-americana”, publicado na Revista de Interpretação Bíblica Latino Americana, discute outros elementos importantes para a compreensão e importância de situar demandas especificamente ligadas à questão da identidade negra. Ela chama atenção para o que se discute, por exemplo, nos espaços acadêmicos acerca do desenvolvimento ou do despertar para uma consciência do que se considera ser negro, enfatizando a compreensão de que a presença negra na Bíblia não é evidente porque a sua interpretação visibiliza esta presença e assim convida a pensar sobre o processo de identidade onde afirma:

É necessário saber o que significa ser negro na América do Norte, Central, Caribe e América do Sul... nossa maneira de entender e estudar não são apenas reconstruções

---

<sup>102</sup> DUNAWAY, p. 4.

<sup>103</sup> DUNAWAY, p. 5. Esta declaração está em Wilmore e Cone, *Teologia Negra*, p. 30-39. Citado em Dunaway.

de memórias históricas, mas também entramos com chaves simbólicas, míticas, culturais etc., e é igualmente um saber profundo.<sup>104</sup>

Nessa mesma linha de pensamento, Caldeira contribui com a compreensão da teologia feminista negra reafirmando que surgiu das lutas do povo negro, tendo como pano de fundo a experiência histórica da escravidão e segregação racial. Segundo a autora, essa Teologia não é um dom do evangelho cristão partilhado aos escravos. Antes, é uma apropriação que os escravos negros fizeram do evangelho que lhes fora dado pelos seus opressores. Inteiramente comprometida com a vida, a Teologia Negra nasce da experiência concreta do povo negro discriminado e, mais tarde, segregado. Diante da Teologia branca, eurocêntrica, que legitimava o sistema de escravidão americano, a Teologia Negra emergiu para fazer cultivar a esperança de sobrevivência do povo negro.<sup>105</sup>

Compreende-se a partir deste entendimento que o surgimento de uma forma de pensar a teologia para e com as pessoas negras, é permeada e caracterizada pela resistência de um povo oprimido e discriminado que de alguma forma buscava a sua libertação. Nesse sentido, Lopes em seu estudo “Teologia Negra para a mulher negra: uma leitura hermenêutica” cita Gayurdes e Cone que definem:

A teologia negra é uma teologia de libertação negra. Ela procura sondar a condição negra à luz da revelação de Deus em Jesus Cristo, de modo que a comunidade negra possa ver que o evangelho é coincidente com a realização da humanidade negra. A Teologia negra é teologia da “negritude”. É a afirmação de humanidade negra que emancipa os negros do racismo branco, proporcionando assim autêntica liberdade, tanto para as pessoas brancas como para as pessoas negras.<sup>106</sup>

A partir da conceituação que segue, advinda do mesmo autor, reflete-se que o exercício da negritude vai além do aspecto genético-biológico de maior concentração de melanina que define a tez da pele mais escura ou mais clara. Por si só a cor da pele não representa a essência de negritude. Outrossim, são as atitudes, as escolhas e opções tanto políticas quanto sociais que irão, aos poucos, contribuindo com o processo de construção desta negritude. Assim segundo Lopes:

Ser negra não é somente, exclusivamente, ter pele negra, ser negra é uma filosofia, uma opção política, uma atitude política no sentido de assumir uma postura da vida. Assim, a bíblia traz uma contribuição para a identidade afro-feminista. O texto bíblico está permeado por uma redação e interpretação branca, que possibilitou o ocultamento

<sup>104</sup> LOPEZ, Maricel Mena. Raízes afro-asiáticas do mundo bíblico - Desafios para a exegese e a hermenêutica latino-americana. Revista de Interpretação Bíblica Latino Americana, n 54. 2006. p. 23.

<sup>105</sup> CALDEIRA, Cleusa. Hermenêutica Negra Feminista: um ensaio da interpretação de Cântico dos cânticos, 1. 5-6. Estudos Feministas. Florianópolis. 21(3): 496. setembro-dezembro/2013.

<sup>106</sup> LOPES, Thiago de Freitas. *Teologia negra para a mulher negra: uma leitura hermenêutica*. Pós-escrito, Revista Eletrônica da Faculdade Batista do Rio de Janeiro. Pós-Escrito. Ano I nº 3, abr. – jun./2009. ISSN: 808-0154.

de mulheres e povos de origem africana. Por isso, uma hermenêutica negra feminista (...) resgata a mulher negra de seu papel de escrava, feiticeira, sensual, etc.<sup>107</sup>

De acordo com Lira, em sua tese de doutoramento, mulheres negras feministas no mundo inteiro têm somado esforços para pensar uma análise social feminista a partir de categorias como raça/etnia e gênero como indissociáveis, o que tem recebido denominações diferenciadas como *Womanism* nos Estados Unidos e *Black Feminism*, do qual a socióloga afro-norte-americana Patricia Hill Collins é uma das principais expoentes.<sup>108</sup>

Lira afirma que embora se reconheçam as contribuições do Feminismo, que num dado momento histórico elaborou a categoria de gênero para análise das desigualdades nas relações sociais, faz-se necessário entender que esta categoria precisa ser complementada pelas categorias classe social e raça/etnia. É importante reafirmar que a adoção das duas outras categorias é posterior ao advento do Feminismo, uma vez que este nasce num contexto europeu branco burguês no qual o feminismo é marcado pelo conflito entre os gêneros. Ao pensar as experiências das mulheres africanas é preciso reconhecer a complementaridade entre mulheres e homens. Conforme Ama Mazama, citada por Lira: “O que faz o homem é a mulher; da mesma forma que o que faz a mulher é o homem. Apreciar e compreender essa complementaridade está na raiz de qualquer teoria que trate das mulheres africanas segundo o paradigma afrocentrado”.<sup>109</sup>

Encontram-se ainda a partir da concepção de Silvia Regina Lima e Silva, outros direcionamentos para a teologia latino-americana, a partir de seu olhar para o que a mesma conceitua *Teología desde las afrodescendientes*. A autora, em seu artigo “Abriendo Caminos, Teología Feminista y Teología Negra Feminista Latinoamericana” cita a brasileira Benedita da Silva ao afirmar “Nací mujer negra, la sociedad me hizo hombre y blanco; hoy grito y lucho para ser negra-mujer”.<sup>110</sup>

Esta citação é utilizada pela autora como reflexão inicial ao que ela chama de duplo desafio sob o qual nasce a Teologia Latina: desconstruir a teoria patriarcal que no continente latino-americano assumiu um rosto masculino, branco elitista, fomentando uma teologia machista, etnocêntrica e classista que segue sendo cúmplice e partícipe dos sistemas atuais de dominação; o outro desafio assumido pela teologia feminista negra sendo aquele de fazer refletir a experiência de fé vivida pelas mulheres negras. Um novo lugar onde as mulheres

<sup>107</sup> LOPES, 2009, p. 03.

<sup>108</sup> LIRA, 2014, p. 93

<sup>109</sup> LIRA, 2014, p 93

<sup>110</sup> SILVA, Silvia Regina Lima. *Abriendo Caminos, Teología Feminista y Teología Negra Feminista Latinoamericana*. Revista Magistro, Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras e Ciências Humanas – UNIGRANRIO. Vol. 1 Número 1. 2010. p. 90.

negras possam se encontrar, partilhar, pensar e proclamar suas experiências-presenciais libertadoras de Deus.<sup>111</sup>

A discussão de Silva faz trazer a perspectiva de compreender a teologia negra diferente daquela que no passado, de certo modo, legitimou tanto a escravidão como o racismo. Faz pensar sobre a busca pelo que ela chama de deslegitimação, que pode ser entendida como uma busca por afirmação da identidade negra. Nas palavras da autora,

Queremos recuperar la teología como un aporte en proceso de afirmación de la identidad negra, en el rescate de la ciudadanía negra. Teológicamente buscamos el reconocimiento del rostro negro como “imagen y semejanza de Dios”. El “no lugar”, mencionado anteriormente, se transforma en lugar del grito, de protesta, de reivindicación. Es también el lugar a partir del cual construimos nuevas relaciones. Es el lugar del empoderamiento, de la afirmación, del descubrimiento de un Dios cómplice y compañera en este caminar en búsqueda del propio rostro y de vida con dignidad.<sup>112</sup>

Apesar das diversas concepções desenvolvidas no decorrer do tempo, percebe-se que não existe unanimidade no que se refere à compreensão da relação entre teologia da libertação e teologia negra, nem mesmo uma linha de pensamento harmônica e coletivamente organizada acerca da necessidade de uma teologia feminista negra. São lutas das mulheres dentro do próprio movimento feminista.

### *3.3 O REENCONTRO ENTRE MIM, AUTA ROSA E MINHA MÃE*

A inter-relação entre as histórias de vida levam, por fim, ao entendimento das relações existentes entre as personagens citadas no início deste capítulo, Auta Rosa, minha mãe e eu e campo do saber teológico. A busca por um objeto de estudo nos uniu e nos fez caminhar juntas nesse processo de reencontro de identidades que ao longo das descobertas foram se aproximando. Somos mulheres negras. Minha mãe e Auta Rosa viveram por longos anos cuidando dos afazeres domésticos em casa de família que não era a sua. Amamentando ou simplesmente cuidando de filhos e filhas que não geraram. Ambas de uma generosidade sem igual, no entanto suas vidas tiveram desdobramentos bastante distintos.

---

<sup>111</sup> SILVA, 2010, p. 91.

<sup>112</sup> SILVA, 2010, p. 91.



113

O contexto no qual viveu Auta Rosa não lhe favoreceu as condições para transformações de vida no sentido de alcançar uma perspectiva diferente e naturalmente sair da condição de submissão a ela imposta. Entretanto foi essa condição que, de certo modo, lhe atribuiu o que está eternizado na memória popular e na vida daquela comunidade a partir da lápide em sua sepultura que diz: *Pela dedicação e amor ao próximo, uma mulher tornou-se um mito popular. Ficam então as homenagens merecidas à finada Auta simbolizando o reconhecimento do povo de Amarante.*<sup>114</sup>

A partir da escrita acima, identifica-se o que poderia parecer impossível no contexto em que Auta Rosa viveu. Que uma mulher negra, pobre e prostituída, saísse desta para a condição de mito popular, ou mesmo uma santa não canônica capaz de influenciar as manifestações de fé e de religiosidade das mesmas pessoas que a discriminaram. Indo um pouco além, a condição especial de manter viva essa manifestação popular por tanto tempo, final do século XVII, uma vez que ainda hoje à mesma são direcionadas promessas e como reconhecimento de sua “santidade”, são atribuídos ex-votos, orações, velas, manutenção de seu túmulo como forma de agradecimento pelas graças recebidas. Maior que isso ser considerada pela comunidade um elemento de ligação entre o povo que sofre, a necessidade de libertação e o sagrado. Ainda representar a luta das mulheres negras e sua resistência no tempo, levando-as a buscar, a partir do legado de Auta Rosa, a conquista por espaços nunca ocupados. Pensar a vida de Auta Rosa hoje é reconhecer a conquista de novos lugares onde o pensar e o sentir são igualmente partilhados e utilizados como forma de construir novas realidades.

<sup>113</sup> Primeira foto de imagem já citada neste trabalho. Ao lado foto da autora com sua mãe, Maria Helena Sousa que é parte das discussões e descobertas descritas nesta dissertação.

<sup>114</sup> Escrita encontrada pela autora na lápide do túmulo de Auta Rosa de Amarante

Compreende-se, ainda nesse sentido, que a interseccionalidade de Auta Rosa, conseguem de certo modo, unir as categorias defendidas pela teologia negra e ao mesmo tempo pela teologia da libertação. No entendimento de Caldeira:

A teologia da libertação precisa superar as categorias com as quais se ocupa a exemplo das político-sociais como explicação para a situação de pobreza e avançar no sentido de incluir as questões étnicas e raciais e assim quem sabe aproximar-se mais daquilo que se caracteriza uma necessidade das mulheres negras.<sup>115</sup>

Entende-se também que a “santidade” atribuída a Auta Rosa pela crença popular, a inserem no campo do saber discutido pela teologia feminista negra. A devoção mantida pelas pessoas da comunidade pode refletir o processo de afirmação da identidade negra e o resgate da cidadania negra também a partir da preservação da sua memória no contexto específico onde à mesma é ainda hoje fonte de esperança, motivação e transformação na vida e na fé das pessoas.

O contexto no qual viveu minha mãe era de “liberdade”, menos hostil, com outras possibilidades. Sua capacidade de percepção lhe fez aprender com a realidade vivida, seu feminismo desconhecido lhe fez contestar e lutar mesmo em silêncio por uma condição de vida melhor para si e conseqüentemente para nós que somos sua família. Sua compreensão de mundo nos fez aprender que os lugares e espaços limitados à nossa condição de mulheres negras não eram definitivos e, sendo a “mãe preta” daquelas crianças brancas que frequentavam boas escolas que ela entendeu, desde cedo, que a partir da educação, que ela não teve, mas que sonhava para nós, era possível vir a ter um futuro diferente daquele vivido por ela, suas irmãs e irmãos, daquele vivido por Auta Rosa de Amarante. Foi este o seu objetivo e sua missão, hoje cumprida. Compreendo que sem o seu feminismo, não identificado e não aceito por ela, devido às distorções associadas ao termo, as possibilidades de hoje discutir teologia a partir de um curso de mestrado não existiriam nem mesmo em sonho. Foi a sua resistência, tal qual a resistência de Auta Rosa, que transformou a minha realidade de vida bem como a vida e o futuro de minhas irmãs.

Por fim, os elementos para a criação de uma teologia feminista negra assentam-se no fato de que, mesmo em sua compreensão acerca da necessária e urgente transformação no que se refere à luta pelos direitos iguais para homens e mulheres, a teologia feminista, nascida em meio a discussões intelectuais em um contexto mais acadêmico do que popular, certamente não chegou a alcançar as demandas de outras tantas mulheres oriundas dos meios populares, de realidades distintas, oprimidas, excluídas e marginalizadas porque além de mulheres eram negras, homossexuais, pobres e órfãs de um deus que também lhe tivesse criado à sua imagem

---

<sup>115</sup> CALDEIRA, 2013, p. 1193.



e semelhança. No entendimento de muitos, Deus jamais seria de outra forma que não masculino onipresente e onipotente que resume em sua existência o pai, o filho e o espírito santo. De que modo esse Deus representaria ou atenderia os anseios de pessoas de cor, escravizados e escravizadas, prostituídas, inferiores? Assim acreditou-se por longos e sofridos anos.

A teologia feminista negra vem a partir das lacunas deixadas em aberto pelo feminismo e pela teologia feminista, lutar por direitos que ficaram para trás quando teólogas feministas brancas, apesar de bravas e guerreiras, se ocuparam de demandas igualmente fechadas em um mundo de horizontes limitados. A teologia feminista negra precisa desconstruir realidades e concepções que impedem a busca de afirmação de identidades próprias de mulheres negras, de superação das interseccionalidades que muitas vezes categoriza, exclui, discrimina e torna a contribuir com a legitimização do preconceito, da discriminação e do sentimento de não pertencimento.

Pesquisar sobre Auta Rosa, trouxe de modo bem peculiar a percepção de que revisitar espaços históricos nos quais pessoas como ela viveram, ter contato com elementos considerados sagrados na perspectiva da crença popular, contribuiu para a identificação de questionamentos e vivências que de outro modo não seriam possíveis. Permitiu revisitar crenças pessoais, tornar-me permeável e sair ou pelo menos deslocar-me temporariamente da postura cética que às vezes o fazer ciência nos traz.

A discussão sobre histórias de vida igualmente nos empodera no sentido de fortalecer as identidades em construção. Perceber a herança recebida de nossa ancestralidade, neste contexto representada por Auta Rosa de Amarante, nos leva a compreender que somos parte de uma história maior, não limitada dentro de um tempo específico, mas, permeável e constante de mudanças, transformações e recomeços. A resistência de Auta Rosa ao sofrimento e ao tempo precisa trazer um significado para nossas vidas de mulheres negras igualmente sofridas, discriminadas, humilhadas e de quem os direitos foram negados. Tornar-se resistência e símbolo de luta por justiça e por igualdade de direitos, de respeito à nossa cidadania e de fortalecimento das diferenças e peculiaridades que nos igualam.

Enfim, por assim entender, discutir a teologia feminista negra promove uma hermenêutica negra feminista que auxilia no processo de compreensão da necessária tomada de consciência acerca do poder que tem as mulheres negras, desconstruir concepções criadas a partir de uma perspectiva androcêntrica branca europeia e reconstruir outros modos da mulher negra ver a si própria como autora de sua história, participe das conquistas, mudanças e transformações em diversos aspectos de sua vida individual e na coletividade.



## CONCLUSÃO

Ao concluir o presente trabalho tem-se como possibilidade inicial o entendimento de que a percepção da existência de inter-relação entre histórias de vida são um ponto chave importante para o enriquecimento das discussões e construções teóricas e até mesmo teológicas a respeito do feminismo e de seus desdobramentos, especificamente neste trabalho, através da teologia feminista e da teologia feminista negra. Para se chegar a esse entendimento vivenciou-se e observou-se o processo das viagens em busca das informações, dos encontros ao obter os resultados, dos desencontros ao se deparar com portas fechadas e dos reencontros com pessoas e experiências de vida desconhecidas, mas que foram de grande utilidade nas descobertas e fortalecimento de identidades esquecidas pelo tempo. Ao fim as experiências renderam ainda as discussões que ora seguem iluminadas no caminho pelas grandes contribuições do saber teológico e filosófico, mas, acima de tudo, pelas manifestações de fé e religiosidade, pela filosofia de vida da comunidade compartilhadas através de seus relatos, suas crenças, seus milagres e suas tradições seculares.

Buscou-se a partir deste trabalho dar visibilidade à história de Auta Rosa de Amarante e as suas experiências de vida, morte e devoção, favorecendo assim uma aproximação entre o campo de saber teológico e as manifestações de religiosidade popular que se fizeram no seu entorno ao ser, após sua morte, considerada personagem da religiosidade popular. Neste sentido, sua história foi apresentada no primeiro capítulo a partir das fontes existentes e no segundo capítulo a partir dos relatos etnográficos e tradição oral da comunidade na qual viveu e morreu.

A partir do resgate das fontes disponíveis foi possível perceber uma tendência de dois dos três autores pesquisados, Homero Castelo Branco e Nazi Castro, de fazer conhecer a todas as pessoas, o enredo de vida, morte e devoção daquela que foi discriminada e excluída socialmente, narrando sua história de vida breve, encerrada aos 29 anos de idade em condições sub-humanas, marcada pela negação do seu direito de ser enterrada dentro dos muros do cemitério. Ao mesmo tempo, através de seus escritos valorizaram a sua memória, evidenciando a importância que a mesma teve para a comunidade, não reconhecida em vida ao assumir a condição de ama de leite de crianças que não gerou, cujas mães se negavam amamentar; o reconhecimento da condição, provavelmente “imposta” de mulher prostituída e “portadora” de uma doença contagiosa e grave e ao mesmo tempo destacar a sua humanidade, quando mesmo

rejeitada e excluída socialmente, permitia, através do cuidado com o corpo de pessoas mortas vitimadas pela tuberculose, um último cuidado com a higiene para que fossem enterradas dignamente.

Enfim, os autores citados, ressaltam através de seus escritos a importância de Auta Rosa para a comunidade no sentido de manter, através dela, um elo de ligação entre suas necessidades terrenas, materiais e até mesmo espirituais, com o sagrado, uma vez que a mesma é considerada “santa” pela grande maioria das pessoas da comunidade, segundo os relatos colhidos.

Já um terceiro autor, Francisco Rodrigues Costa, apresenta questionamentos que, apesar de polêmicos, em nada maculam a memória de Auta Rosa, uma vez que tanto as outras fontes citadas quanto os relatos colhidos e as experiências vivenciadas *in loco*, são expressões do respeito, do reconhecimento, da valorização e da manutenção da memória de Auta Rosa como uma pessoa de valores humanos grandiosos e de uma generosidade sem precedentes na história da cidade, pelo período em que viveu e morreu e por longos anos após sua morte.

O reconhecimento de Auta Rosa, do seu valor e sua resistência enquanto mulher negra, escravizada, prostituída e excluída socialmente como elemento da religiosidade popular denotam a resistência e o empoderamento que o feminismo enquanto movimento e enquanto teoria precisam atentar, uma vez que, da forma como se organizam, movimento e teoria, ampliam os distanciamentos entre si e as mulheres negras, que por consequência não se veem representadas. Na prática isso representa um pensar estratégias de ações coletivas a partir do cotidiano das mulheres no intuito inicial de reduzir as distâncias e aproximar experiências de vida e de formação para que seja possível avançar na luta em busca por justiça e igualdade de direitos entre homens e mulheres independente de raça, etnia ou manifestação de religiosidade.

Além da perspectiva das referências apresentadas por Branco, Castro e Costa, observou-se a partir do documentário “Auta Rosa”, os depoimentos de familiares do casal Jeronimo e Amélia, seus padrinhos. Alguns depoimentos reafirmam a compreensão de Branco e Castro enquanto que outros colocam em dúvida as mesmas questões trazidas por Costa. Uma das questões discutidas versa sobre a chegada de Auta Rosa à casa da madrinha. Discute-se se no período em que chegou a mesma era ainda uma criança de sete anos de idade, conforme indica o documento encontrado no Arquivo Público do Piauí, ou se já era adulta, mãe e “meretriz”, de acordo com a visão do autor que sustenta a segunda versão. Igualmente pode-se trazer para discussão a pouca ou quase nenhuma importância que o fato merece. Pouco importa se Auta Rosa chegou ali aos sete anos e ainda “moça donzela” ou “meretriz”. Estes são apenas alguns dos tantos estereótipos a ela atribuídos que em nada diminuem a grandiosidade dos seus

feitos em vida e não impediram a ocupação de um espaço de poder antes impensável pela comunidade amarantina. Um lugar no imaginário religioso das pessoas que passaram a ver a outrora “prostituta” como a doravante “santa finada Auta Rosa”

Tornar-se “santa” em oposição a ser enterrada fora do cemitério por não ser considerada digna de uma sepultura, denota ainda um rompimento com o silêncio do preconceito, da discriminação e do mal que assombra as mulheres. O mal de não ser que classifica e categoriza as pessoas a partir do que não representam. O mal de não poder a partir de si mesma romper com os dualismos. O mal de não saber que as experiências de fé e vida das pessoas têm a capacidade de transformar as relações e alterar concepções diversas.<sup>116</sup> Resta, pois a história e a memória popular para dar conta de tantos rompimentos necessários. Novamente pode-se compreender a história de vida e morte de uma mulher negra como fonte de fortalecimento das lutas contra o preconceito e a discriminação e a favor da igualdade, da justiça e da inclusão social.

Revedo as considerações feitas até este ponto do trabalho, retoma-se o que foi dito inicialmente: a percepção da existência de inter-relação entre histórias de vida são um ponto chave importante para o enriquecimento das discussões e construções teóricas e até mesmo teológicas. Acrescenta-se, pois, nesse sentido, a ideia de que as imbricações existentes entre as histórias de vida igualmente provocam deslocamentos na forma de perceber a si próprio, de revisitar as próprias crenças, de desconstruir e reconstruir realidades. Assim foi ao vivenciar o episódio que marcaria de modo muito significativo um processo pessoal de fortalecimento de fé. Visitar a casa onde Auta Rosa viveu e morreu em busca por maiores informações que dessem conta de entender a construção da devoção popular entorno dela provocou um deslocamento e uma sensação incrível de ter vivenciado naquele dia algo para o qual não encontrei resposta como certamente não encontrarei para outras tantas questões que envolvem o campo do sagrado, da religiosidade, da crença e da fé das pessoas, ou mesmo da minha própria fé. Talvez esse deslocamento vivenciado, seja igualmente o que invade as pessoas e ocupa a origem de suas experiências de fé e devoção.

O termo ressignificar, dentro de uma compreensão etiológica, implica dar um outro significado a partir de algo para o qual já existe sentido. A teologia feminista negra pode ressignificar a história de vida e morte de Auta Rosa, partindo da ideia geral que uma mulher negra, pobre, escravizada, prostituída e vítima de doença grave e contagiosa, e, ao mesmo tempo considerada “santa” pelo imaginário popular, que representa o somatório de muitos

---

<sup>116</sup> GEBARA, 2000, p. 63.

estereótipos os quais se procura evitar, através de uma hermenêutica feminista traz para o centro da discussão alguns questionamentos importantes de serem feitos: o que significa ser mulher negra hoje? Que outras leituras são possíveis de fazer do processo de escravização do qual as mulheres negras foram brutalmente vitimadas? Como contribuir para que essa mulher hoje olhe para si e para sua experiência de vida com outro olhar, orgulhando-se de ter lutado e para que outras alcançassem a liberdade e os direitos que hoje fazem parte de um coletivo? O que representa hoje para as mulheres negras de Amarante manterem uma sepultura de uma mulher como Auta Rosa, do lado de fora do cemitério? O que isso diz sobre o preconceito, o orgulho, a negritude? Respostas a estes questionamentos talvez possam apontar os diversos significados que possam ser atribuídos à história de vida e morte de Auta Rosa de Amarante, bem como os diversos caminhos que possam levar ao encontro de possíveis respostas.

Por enquanto resta-nos seguir caminhando.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRANCO, Homero Castelo. *Ecoss de Amarante*. Litteris Editora Ltda.: Rio de Janeiro, 2001.
- BRANCO, Homero Castelo. *Auta Rosa*. Gráfica e Editora do Povo Ltda.: Teresina, 1999.
- CALDEIRA, Cleusa. *Hermenêutica Negra Feminista: um ensaio da interpretação de Cântico dos cânticos*, 1. 5-6. Estudos Feministas, Florianópolis, 2013.
- CARVALHO, Maristela Moreira. *Teologia(s) Feminista(s) e Movimentos(s) Feminista(s) na América Latina e no Brasil: “origens” e memória*. Os feminismos latino-americanos e suas múltiplas temporalidades no século XX.
- CASTRO, Nazi. *Amarante: um pouco da história e da vida da cidade*. 3ª Edição. Projeto Petrônio Portela. Teresina/PI, 1986.
- CONE, James. *O Deus dos oprimidos* in DUNAWAY, Felipe. *A Teologia Negra: Uma introdução*. Faculdade Teológica Batista de São Paulo Disponível em: <[ww2.teologica.br/webportal/home/images/stories/enade/teologia\\_negra.pdf](http://ww2.teologica.br/webportal/home/images/stories/enade/teologia_negra.pdf)>. Acesso em: 24 fev. 2017.
- COSTA, Francisco Soares da. *A Finada Alta*. Gráfica Israel: Amarante, 2000.
- CUNHA, M. C. P. *O espelho do mundo*. Juquery, a história de um asilo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- DEIFELT, Wanda. *Temas e metodologias da teologia feminista*. In: SOTER (org.). *Gênero e teologia*. São Paulo/Belo Horizonte: Paulinas/Loyola/SOTER, 2003.
- Documentário Auta Rosa*. Produzido pela Associação dos Amigos de Amarante, Ponto de Cultura “escola de Música para a vida”, Casa de Cultura Museu Odilon Nunes, Cine Mais Cultura, dirigido por Bertoldo Neto. Amarante, 2011.
- ENGEL, M. *Meretrizes e doutores. O saber médico e prostituição no Rio de Janeiro*. Editora Brasiliense, São Paulo, 1989.
- ESTEVES, M. de A. *Meninas Perdidas: Os populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro de Belle Époque*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

GEBARA, Ivone, *Rompendo o silêncio: uma fenomenologia feminista do mal*/Ivone Gebara; tradução de Lucia Mathilde Endlich Orth – Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

*Estrelas Além do Tempo*. Disponível em:

<<http://www.b9.com.br/70679/cultura/estrelas-alem-do-tempo-e-uma-historia-leve-e-real-sobre-superacao-de-preconceitos/>>. Acesso em: 21 maio 2017.

JOSSO, Marie Cristine. *Self-transformation through narratives of live stories. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida*. Educação. Traduzido por Maria do Carmo Monteiro Pagano, Porto Alegre, 2007.

LIRA, Lilian Conceição da Silva Pessoa. *Elementos teopedagógicos afrocentrados para superação da violência de gênero contra as mulheres negras: diálogo com a comunidade-terreiro ilé àșe yemojá omi olodò e “o acolhimento que alimenta a ancestralidade”*; orientador Roberto Ervino Zwetsch, co-orientador Andre Sidnei Musskopf. – São Leopoldo: EST/PPG 2014.

LOPES, Thiago de Freitas. *Teologia negra para a mulher negra: uma leitura hermenêutica*. Pós-escrito, Revista Eletrônica da faculdade Batista do Rio de Janeiro. Pós-Escrito, Ano I, nº 3, abr - jun/2009 ISSN: 1808-0154.

LOPEZ, Maricel Mena. *Raízes afro-asiáticas do mundo bíblico - Desafios para a exegese e a hermenêutica latino-americana*. Revista de Interpretação Bíblica Latino Americana, n 54. 2006.

MELO e SOUZA, L. de. *O diabo e a Terra de Santa Cruz*. São Paulo: Companhia das Letras. 1986.

MUSSKOPF, André S. *Teologia Feminista e de Gênero na Faculdades Est: a construção de uma área do conhecimento*. São Leopoldo. CEBI, 2014.

*O Segundo Sexo*, volume 2. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967, 2ª edição, p. 9-10. Disponível em:

<<http://beauvoiriana.tumblr.com/post/99528808887/ningu%C3%A9m-nasce-mulher-torna-se-mulher-nenhum>>. Acesso em: 19 maio 2017.



PINTO, Celi Regina Jardim. *Feminismo, história e poder*. Revista de sociologia e política, ano 18, Nº 36: 15-23. 2010.

Queiroz, Virgílio. *Documentário Auta Rosa*, 2011. Entrevista concedida a Chico Neto e Danilo Costa.

RAGO, Margareth. *As mulheres na historiografia brasileira*. Publicação original:

RODRIGUES, Alavania da Cunha Pereira, *Documentário Auta Rosa*. Amarante, 2011.

Entrevista concedida a Chico Neto e Danilo Costa.

PARKS, Rosa. *Morre ativista feminista negra*. Disponível em

<<http://www.historianet.com.br/conteudo/default.aspx?codigo=776>>. Acesso em: 21 maio 2017.

RUETHER, Rosemary Radford. *Sexismo e religião: rumo a uma teologia feminista*; tradução Walter Altmann, Luis Marcos Sander. São Leopoldo, RS: Sinodal, 1993. São Paulo: Brasiliense, 1988.

LAJES, Sávio. *Amarante, 144 anos de emancipação política*. Disponível em:

<[www.portalodia.com/municipios/amarante/-243207.html](http://www.portalodia.com/municipios/amarante/-243207.html)>. Acesso em: 12 mar 2017.

LAJES, Sávio. *Cidadã Amarantina deixa marcas na história*. Disponível em:

<<http://www.portalodia.com/municipios/amarante/cidada-amarantina-deixa-marcante-historia-228145.html>>. Acesso em: 12 mar 2017.

SILVA, Silvia Regina Lima. *Abriendo Caminos, Teología Feminista y Teología Negra Feminista Latino-americana*. Revista Magistro. Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras e Ciências Humanas – UNIGRANRIO. Vol. 1 Número 1. 2010.

SILVA, Zélia Lopes (Org.). *Cultura Histórica em Debate*. São Paulo: UNESP, 1995.



## ANEXOS



Imagem 01



Imagem 02



Imagem 03



Imagem 04



Imagem 05



Imagem 06

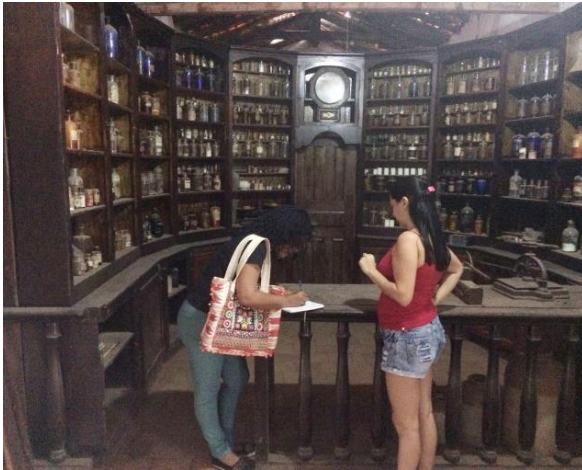


Imagem 07



Imagem 08



Imagem 09



Imagem 10



Imagem 11



Imagem 12



Imagem 13



Imagem 14



Imagem 15

## LEGENDAS DAS FOTOS

Imagens 1 e 2: Momento inicial da pesquisa. Primeira visita à cidade de Amarante.

Imagem 3, 4, 5, 6, 7,9, e 11: Visita à residência de um devoto, ao museu particular onde várias informações foram colhidas e que mantém a imagem de Auta Rosa em seu arquivo; a Botica, uma das farmácias mais antigas do Piauí e de pessoas da comunidade relatando sua visão sobre Auta Rosa.

Imagem 8: Casa onde viveu e morreu Auta Rosa de Amarante, localizada em frente a Botica.

Imagem 12: Foto da autora do trabalho com seu esposo Airton Ferreira Martins, que produziu todas as fotos que compõem este trabalho.

Imagens 13, 14 e 15: Fotos de Auta Rosa, objeto de estudo deste trabalho, a autora e sua mãe Maria Helena Sousa, que contribuiu com as discussões e descobertas descritas neste trabalho de conclusão.